KUBALA, o jogador mais discutido da Europa

O GLOBO
SPORTIVO
ANO XIV • 10-V-52 • Nº 690.

Cr.s 3,00



Os maiores zagueiros do BRASIL

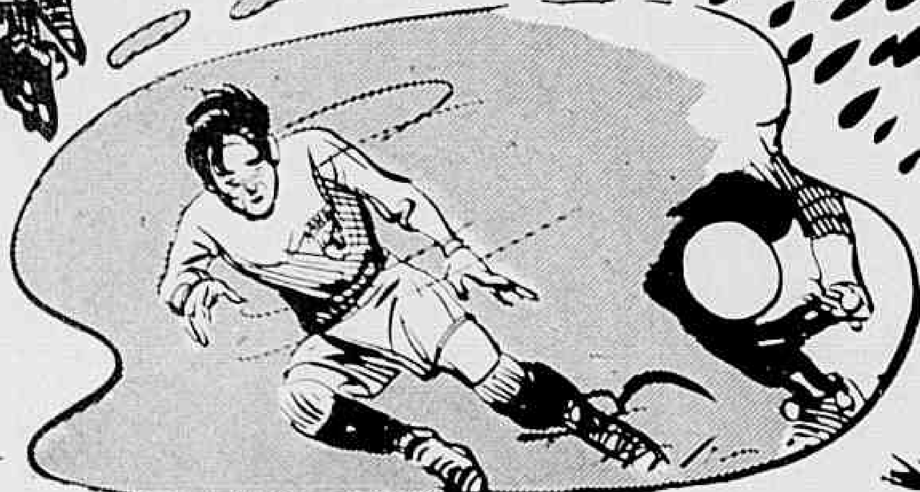
A PAZ NÃO ERA PERFEITA

AMADO ★

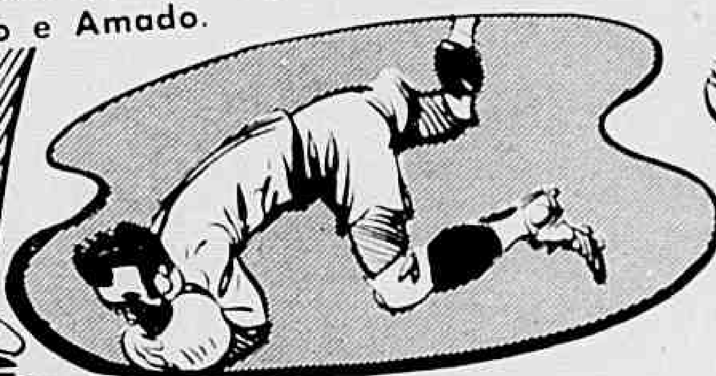
Amado Benigno foi um dos maiores quiperes do Brasil, de todos os tempos, senão o maior entre os que mais brilharam no amadorismo e no profissionalismo Alto e forte, possuia uma agilidade, um golpe de vista e uma rapidez de raciocinio que o tornavam uma verdadeira barreira na meta. E tanto empolgava nas bolas altas como nas bolas baixas, arrojando-se inclusive aos pés dos adversários sem temor quando o perigo rondava a sua cidadela.



Começou Amado no Flamengo ainda garôto e acabou a sua carreira também no clube rubro-negro. Em 1922 já era o quiper do terceiro time e reserva de Iberê Goulart no segundo. Quando Iberê subiu para o primeiro time, em 1923, Amado subiu também para o segundo. E em 1924 surgiu no primeiro quadro como titular. Em 25 cedeu o pôsto a Batalha, mas em 26 voltou ao time efetivo. Foi campeão da cidade em 1927, seu ano de maior consagração, tanto que os fãs diziam na época que a defesa do Flamengo era Amado-Amado e Amado — Amado — Amado e Amado.

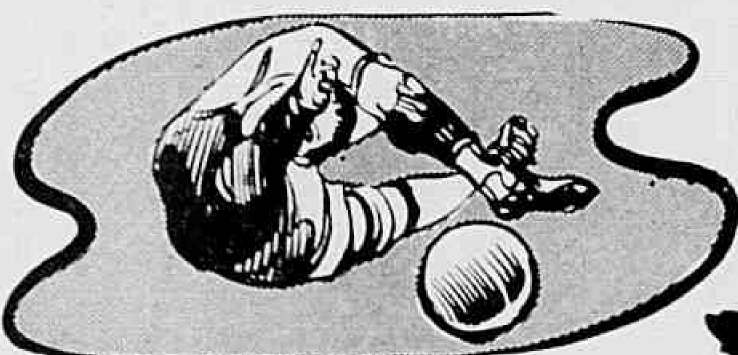








Jogou na seleção carioca vários anos, sendo campeão brasileiro em 1927 e 1928. No ano de 1926, no arco da seleção, ao atirar-se para um mergulho, rasgou a mão num prego que estava traiçoeiramente fincado no chão, de ponta para o ar. E foi substituido por Batalha, que nesse ano estava no Fluminense. No scratch brasileiro Amado atuou apenas em jogos amistosos, não tendo participado de nenhum Campeonato Sul-Americano ou Copa.



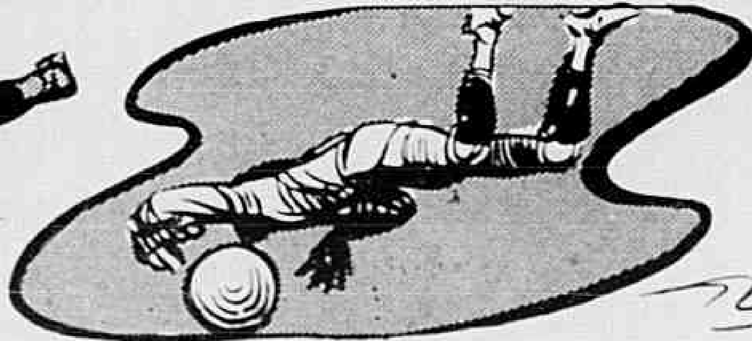






Embora rubro-negro de coração Amado teve uma vez uma rusga séria no seu clube e passou-se para o Botafogo. Isso foi nos principios de 1929, em fevereiro e março. Chegou a jogar cinco vêzes, em amistosos, pelo alvi-negro, mas, ao se aproximar a temporada oficial, voltou ao Flamengo, atuando até ao começo do profissionalismo.







Deixando de jogar, Amado não abandonou porém o futebol e dedicou-se à tarefa de descobrir e preparar jogadores novos, realizando torneios infantis e juvenis, nas praias e no gramado da Gávea. E nessa missão prestou bons serviços ao futebol da cidade revelando jogadores que chegaram a craques

NESTE NÚMERO

	Páginas
Bola na Rêde	3
Obrigado, Chile!	4
A classe dos gaúchos superou o dinamismo dos paraenses	6
Os guaranis do Flamengo	8
Técnicos e sistemas	10
Kubala, o jogador mais discutido da Europa	12
A paz não era perfeita	14
Os maiores zagueiros do Brasil	16
O futebol alemão e seu craque número 1	16
Bilhetes do Leitor	18
Agora, rumo a Helsinki	20
Abertura melancólica de um torneio	22
O mais violento dos esportes	24
Fibra de atleta	25

Na capa: Gigghia e Bigode. Contracapa: "O sabor da vitória". — Nas capas internas: Amado, num resumo biográfico ilustrado por Gutemberg, e Otavio, historieta de Otelo.



De JORGE LEAL

DOIS DEDOS DE PROSA

A C. B. D. entregou ao Fluminense a organização e o patrocínio da Copa Rio, antecipada de um ano, excepcionalmente, com justas razões, para servir como o fecho de ouro das comemorações do cinquentenário tricolor. Até aí vai tudo muito bem, principalmente quando se sabe da capacidade do aristocrático grêmio campeão carioca. E os dirigentes deste começaram, desde cedo, a tratar cuidadosamente de selecionar os convites, à participação dos campeões dos centros futebolísticos mais adiantados do Mundo. Teremos em junho-julho representações argentina, portuguêsa, espanhola, austríaca, etc., com a novidade sensacional da vinda do Ibéria, campeão da Escócia. Lamentavelmente, convenhamos, um detalhe importante vem sendo esquecido e é por isso que nos apressamos a lembrá-lo: está faltando um. Não vamos aqui parodiar aquele samba carnavalesco de consagrado compositor popular. Nem pretendemos fazer blague. Está faltando um, realmente, esse "um" significando o campeão do Paraguai. Um Combinado de Assunção veio enfrentar o próprio Fluminense no Dia do Trabalho e venceu-o, deixando a melhor das impressões. Seria interessante, por isso mesmo e inclusive pelo lado financeiro, para novo confronto, autêntica revanche, a participação do campeão guarani no grandioso certame. O futebol paraguaio é de primeiríssima qualidade e tem, indiscutivelmente, o direito de um lugar ao sol.

YATASTO SAIU "SENTIDO"

O famoso craque, o invicto campeão argentino Yatasto, apontado unanimemente como o grande favorito, acabou perdendo comprometedoramente o XII Grande Prêmio São Paulo. Ganhou-o Gualicho, sagrando-se bi-campeão da referida prova. E chegou à linha de sentença "solo", com uma diferença que bem pode ser calculada entre oito e dez corpos sôbre o segundo colocado, Panther. Yatasto, o famoso craque, por muito favor obteve o quarto pôsto. Mais tarde, falando sôbre a sua "performance" (é para ser mesmo entre aspas...), disse Juan de La Cruz:

— Yatasto saiu da pista completamente sentido e foi da mesma mão que o cavalo se sentiu.

"Sentidos", realmente, devem ter ficado os inúmeros turfmen que nêle apostaram e ficaram "na mão"...

MARINHEIROS DE PRIMEIRA VIAGEM

Os mineiros venceram e consequentemente eliminaram os matogrossenses no segundo encontro pelo Campeonato Brasileiro de Futebol. O jôgo foi disputado sexta-feira passada, em Alvaro Chaves, sob a luz dos refletores. Um belo "golpe" dos montanheses, concertando antecipação e novo local para o prélio, que havia sido programado para domingo, em S. Paulo. Assim, como em matches noturnos os centralinos eram marinheiros de primeira viagem, já tinham a sua sorte selada antes mesmo de pisarem a cancha.

FILHO DE PEIXE...

Houve um jogador da seleção paraense, um zagueiro, que foi campeão pela equipe do Tuna e veio como reserva na representação nortista, que explicou a origem do seu original apelido:

— Meu pai também jogou futebol e era chamado Macaco. Eu, quando comecei, era Macaquinho; quando o velho parou e eu fiquei jogando sòzinho, fui então "promovido" a Macaco. Tudo por causa da cara que tenho, olhe bem para mim, repare direito...

A fisionomia não deixava margem para qualquer dúvida. Mas, para completar, vejamos que nome próprio arranjou Macaco:

— Como é mesmo?...

— Felizolino Braulino...

FUTEBOL E POLÍTICA

Os scratchmen nacionais, campeões invictos do I Pan-Americano, compareceram devidamente uniformizados ao estádio de São Januário, no Dia do Trabalho, para a entrega dos diplomas e prêmios feita pessoalmente pelo Presidente da República. Apenas Baltazar e Rubens deixaram de participar da festa. Ambos são paulistas, como vários outros companheiros, mas dizem que Baltazar e Rubens preferem a "oposição": seriam fervorosos adeptos do sr. Ademar de Barros...

REFÔRÇO?...

Dizem que o Fluminense, valendo-se do que reza o regulamento da Copa Rio, irá solicitar, por empréstimo, o refôrço de três craques. Fossem êles um trio sem maior expressão, vá lá que escape. Mas, ao que consta, serão o zagueiro Santos, do Botafogo, o médio Eli, do Vasco, e o atacante Ademir, também do grêmio da Cruz de Malta. Com trunfos cuja categoria é internacionalmente reconhecida, como Santos, Eli e Ademir, surge uma dolorosa interrogação: — Pode-se considerar isso como refôrço, apenas? Ou será um time todo? Já há, por aí, quem ande falando que o Botafogo e o Vasco emprestarão seus "times todos", para jogarem reforçados de oito elementos do Fluminense...

MEGAFONE NO VASCO

Ninguém duvida da capacidade de Gentil Cardoso como técnico. Todos sabem e êle já teve ensêjo de comprovar a sua competência tornando-se, inclusive, super-campeão de 46 pelo Fluminense. Depois disso, esteve nas fileiras de diversos outros clubes, terminando agora por ingressar no Vasco. E foi de dois torcedores irreverentes que ouvimos o seguinte diálogo:

— Se êle trouxesse só os seus conhecimentos táticos, a larga experiência que possui e viesse, mesmo rotundo, para trabalhar sòzinho, seria sucesso garantido. Isso eu aposto!

— É, mas atrás dêle, como complemento, virá o já famoso megafone...

— Megafone, sòmente, não seria nada de mais. O pior são os Careca, Eliézer & C....

"PEGUEI UM ITA NO NORTE"...

Os paraenses residentes no Rio deram uma belíssima demonstração do quanto são unidos. Organizaram-se e conduziram até ao estádio do Botafogo uma pequena "charanga", vendo-se ainda uma faixa com a legenda: "Nortistas, Vamos Vencer". Os músicos atacavam o célebre "Peguei um Ita no Norte"... Os gaúchos faziam um gol e o torcedor irônico comentava: "Só êsse arqueiro não pega nada, nem mesmo um Ita pr'a voltar o mais ràpidamente possível"... E, quando a "goiaba estufava o barbante", a charanga caia no chôro, completando a música: "Aí, aí, aí aí, aí, aí Dodó do Pará"...

ONDE OS NOMES ATRAPALHAM

O Corintians não vem correspondendo à expectativa na excursão que está empreendendo na Turquia. Os resultados, infelizmente, não são satisfatórios, pelo menos até o presente momento. Não fosse um esquadrão categorizado, que ostenta o título de campeão bandeirante, dir-se-ia que a bola estaria atrapalhando os seus jogadores... Afastada essa hipótese, porém, outra alternativa não há: devem ser os nomes dos players turcos que estão atrapalhando a "escrita".

DINHEIRO POR DINHEIRO...

Quando perguntamos a Genuíno, no aeroporto Santos Dumont, se êle continuaria no Madureira ou iria para o Bangu, ou Flamengo, êle esboçou um largo sorriso. Depois, meio encabulado, o craque de Sete Lagoas declarou, antes de viajar:

— Dinheiro por dinheiro, o Madureira tem preferência.

— Quer dizer então que você continuará no tricolor suburbano?

— Não, não é bem isso.

E tentou explicar melhor:

— Dinheiro batido por dinheiro prometido...

Conclusão, humanamente lógica: quem der o lance mais alto, para as luvas e os ordenados, conquistará seu concurso. Dizem ser êle muito acaboclado, um bôbo. Mas apenas "dizem", não estão de acôrdo?...



Para os chilenos, o título de primeiro campeão pan-americano estava conquistado. Por isso, tinham tôda justificativa explosões de entusiasmo como esta.

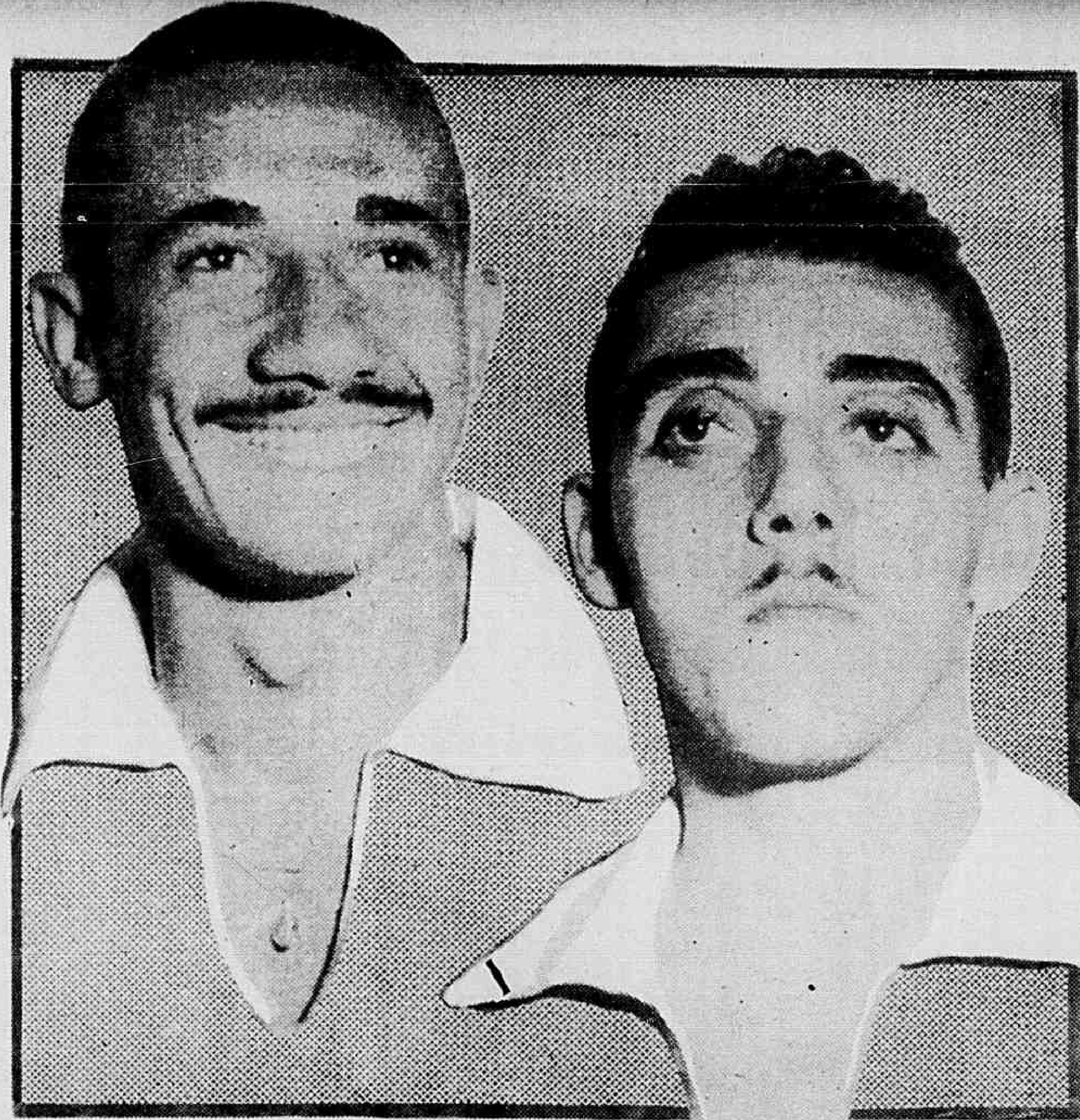
Obrigado, CHILE!

E' CASO mesmo para agradecer. Os chilenos vivem pensando em torneios e geralmente ganham muito dinheiro com as suas iniciativas. O Brasil, convidado eterno e sempre estrêla do espetáculo, comparece e depois chora as magoas com os prejuizos financeiros. Mas, em verdade, não deveria ficar tão aborrecido assim, pois no final os andinos acabam dando grandes lucros aos nossos dirigentes, já que arranjam-lhes titulos de glória. E isso, em futebol, é quase tudo, pois vale como boa semente para os sucessos nas arrecadações futuras. Ninguém esquece do que representou, como propaganda, aquele terceiro lugar conquistado na Copa do Mundo de 1938, quando o quase era o termo da moda. De lá para cá o nosso scratch subiu muito e chegou a titulos, enquanto times iam consolidando o cartaz dos craques nacionais através de excursões famosas e torneios de repercussão. Nos últimos anos o Brasil foi duas vêzes vice-campeão continental, com a participação da Argentina e outros inconvenientes, uma vez dono do mesmo certame em 1949, vice-campeão mundial e dono da Copa Rio (Palmeiras) e do Torneio dos Campeões do Continente (Vasco), além das temporadas invictas do Vasco (México e Uruguai), Flamengo (Europa), Portuguêsa (idem), a vitória no Torneio da Juventude (1949) e a conquista do Campeonato Pan-Americano, a mais recente. Assim, embora tenha acontecido o 16 de julho de 1950 na história do nosso futebol, nenhum scratch pode apresentar resultados melhores num cotejo honesto. Pode ser que para valer para alguns tenha faltado a Taça Jules Rimet, mas no mundo inteiro os brasileiros formam na vanguarda dos grandes esquadrões de futebol.

OS AMAVEIS AMIGOS CHILENOS

HOJE não importa que nem tudo tenham sido flores, quando os interesses maiores da vitória colocaram em polos opostos os dirigentes chilenos e brasileiros. Afinal era mesmo dificil atender

aos desejos de triunfo que dominavam os homens de lá, diante de igual vontade que comandava as ações dos nossos representantes. Passou, porém, como ficaram para trás as possíveis consequências da exaltação de ânimos diante do revés no match final. Na tomada de contas, o saldo é totalmente favorável ao Brasil e ficamos devendo muito aos nossos amáveis amigos do Chile. Com Don Luiz Valenzuela, o simpático presidente da Confederação Pan-Americana, então dirigente máximo da Federação Chilena, criou-se em 1945 um extra continental, com sede em Santiago. Lá foi o Brasil e pela primeira vez esteve perto da grande conquista, o que alguns enganos (três em dezessete minutos) de Oberdan acabaram estragando. Mas vários troféus tomaram o caminho do Rio, graças ao segundo pôsto, depois das vitórias sôbre a Colômbia (3 x 0), Bolivia (2 x 0), Uruguai (3 x 0), Equador (9 x 2) e Chile (1 x 0), contra um revés apenas. E os argentinos, em virtude do empate de 1 x 1 com o Chile, chegaram com um ponto de vantagem à nossa frente. Três anos depois, superintendido pelo mesmo Don Luiz Valenzuela, mas sob a direção do Colo-Colo, teve lugar o Torneio dos Campeões, sagrando-se vencedor o Vasco, depois de derrotar o Emelec (Equador), El Litoral (Bolivia), Municipal (Lima), Nacional (Uruguai) e empatar com o River Plate (Argentina) e o Colo-Colo (do Chile, mas um autêntico scratch pelos enxertos). Os chilenos gostaram e os brasileiros mais ainda, cada um encarando a questão por um prisma.



Pinheiro e Cabeção fizeram-se campeões amadores no campeonato juvenil, no Chile, em 1949



NO TORNEIO DOS CAMPEÕES — O gol de empate do Vasco contra o Colo-Colo, em 1948. Aparece Friaça cabeceando entre as mãos de Fernandez, que pertencia ao União Espanhola. Então os cruzmaltinos empataram com um verdadeiro selecionado andino.

DOIS TÍTULOS DE SCRATCHES

ASSIM, a imaginação dos andinos criou o Torneio da Juventude e Oto Vieira mais Luiz Vinhais voltaram com o primeiro pôsto. Os brotinhos Cabeção e Pinheiro, entre outros, ganharam o seu primeiro título internacional. E ambos, três anos depois, retornaram à capital andina, com a seleção brasileira de profissionais. Tinham gostado, escrevemos, e repetiram. Os chilenos e os brasileiros, dentro de suas respectivas especialidades, foram para o bis. O título máximo ficou com o Brasil, enquanto os andinos ganharam muito dinheiro, cerca de três milhões de cruzeiros. Vamos esperar, portanto, pelo poder criador dos dirigentes da Federação Chilena, para saber como arranjarão um meio de chamar a Santiago as representações futebolísticas das Américas. Extra, em 45, Torneio de Clubes Campeões em 48, da Juventude em 49, Pan-Americano em 52. Naturalmente vão levar dois anos para a nova investida, pois há um Sul-Americano em Lima no próximo ano, Copa das Nações logo depois no Brasil e um ano mais tarde a Taça Jules Rimet na Suiça. Muitos certames, muitas datas ocupadas e os chilenos não terão vagas para lançar um novo torneio. Mas esperem por 1955 e aparecerá por aqui Don Luiz Valenzuela, pronto para fazer convites para um certame novinho em folha.

OBRIGADO POR 1955

ASSIM, é o caso de agradecer desde já aos chilenos pela próxima conquista do futebol brasileiro em Santiago, provavelmente no ano de 1955. Pena que não se possa adivinhar o nome do certame, mas sempre será um título e quem sabe a sua importância. E' sempre bom contar com a ajuda de um bom ambiente, quando se trata de disputa esportiva. E nenhum lugar, conforme provam os fatos, será melhor do que a capital andina. Continuando assim, a Confederação Brasileira de Desportos acabará tendo de fazer um departamento especial para os torneios promovidos pela Federação Chilena. Uma sala para troféus, tantos são os que as nossas delegações trazem de volta.

A classe dos gaúchos superou o dinamismo dos paraenses

De VASCO ROCHA



1. Vencendo os paraenses por duas vêzes consecutivas, na primeira por quatro a zero, em match disputado em São Paulo, e na segunda por seis a três, em peleja disputada nesta capital, os gaúchos classificaram-se para disputar, com os paulistas, em duas partidas, as semi-finais do Campeonato Brasileiro de Futebol — a primeira porfia marcada para o dia 25 de maio, em Pôrto Alegre. Aí está focalizada em nossa gravura, inflamada e barulhenta, a "torcida" paraense radicada no Rio de Janeiro incentivando os nortistas à vitória. A bravura e o entusiasmo dos paraenses, porém, não bastaram para superar a maior classe e o melhor preparo técnico dos gaúchos.



4. Deve-se, portanto, à maior classe e à maior experiência dos gaúchos sua vitória pela contagem de seis a três — contagem que reflete perfeitamente bem o desenrolar da partida, por isso que algumas vêzes os nortistas, alardeando seu extraordinário entusiasmo, atacaram com muita decisão os últimos redutos dos contrários, procurando abrir uma brecha capaz de transformar o andamento normal do match, com as previsões de favoritismo dos sulinos. Os três tentos marcados pelos paraenses foram realmente o resultado de sua insistência na luta decidida para não permitir que os gauchos se avantajassem no placard com uma contagem elevada, capaz de marcar uma diferença grande de gols.



5. No centro da cancha como nos setores dominados pelos gaúchos, do mesmo modo os nortistas foram grandes lutadores, dinâmicos e ativos. E revelaram possuir alguns bons valores, com bons conhecimentos técnicos, não contando apenas com um conjunto harmonioso no entendimento e na estruturação das jogadas mais decisivas, em condições de vencer a inegável qualidade do time riograndense, que, de fato, se apresentou bem diante dos cariocas, fazendo alarde de um preparo eficiente, tanto coletivo como individual.



8. Neste lance ainda se pode dizer que o goleiro paraense não tinha outro recurso senão esse, de abandonar a sua meta para tentar a defesa. De fato, os seus dois zagueiros foram vencidos facilmente pelo meia-esquerda gaúcho, e era preciso reduzir o ângulo do gol para o tiro que sairia dali. Para realizar esse objetivo era preciso deixar a meta. Mas a jogada era toda favoravel ao player gaúcho e êle não teve que pensar muito para saber como ludibriar a intervenção do arqueiro paraense.



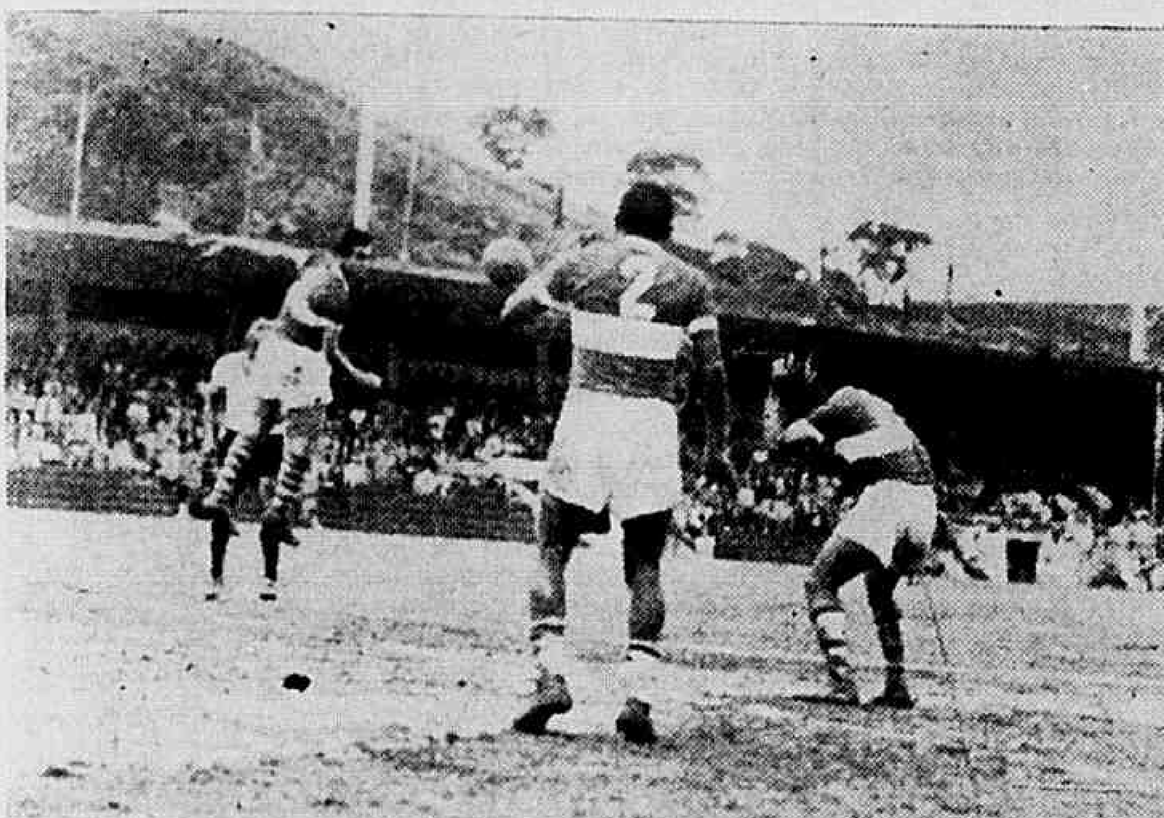
9. Examinando-se com atenção a gravura que publicamos acima não se pode deixar de verificar que realmente andou algumas vêzes muito afobado o goleiro nortista e que melhor seria que êle permanecesse dentro dos três paus... Talvez se ali tivesse ficado teria produzido um maior número de defesas — como a que focalizamos acima, em que, em face da saida precipitada do goleiro, o gol gaúcho não teria, talvez, sido marcado nas condições em que o foi. Nota-se bem que Dodó está fora de sua posição, completamente batido.



2. Bastante movimentada, entretanto, foi a peleja. Os nortistas lutaram com muito denodo e energia, procurando desfazer a maior categoria dos sulinos com jogadas rápidas e agressivas em todos os setores da cancha, sem dar treguas e quartel aos adversários. Não se deixaram impressionar os gaúchos com a combatividade dos contrários, e aos poucos se foram assenhoreando das posições para predominarem amplamente, alcançando, sucessivamente, os seus tentos. O aspecto que reproduz a gravura é bem expressivo quando se fala na bravura dos nortistas, porquanto, aparecendo em apuros, revela a defesa paraense sua decisão de lutar com grande vigor.



3. A grande disposição de luta dos paraenses não esmoreceu um só instante, nem mesmo diante da melhor classe técnica dos gaúchos. Estes encontraram realmente adversários valentes e esforçados, que se desdobravam em atividade para conter as investidas contrárias, como se vê pelo aspecto que se reproduz acima. Até os elementos do ataque paraense (aí estão o meia-esquerda e o ponta-direita) desciam para ajudar os seus companheiros da defesa, tudo para impedir que os sulinos encontrassem caminho facil para uma vitória ampla, com características de goleada



6. A defesa cerrada, um quase "ferrolho", dos paraenses apenas não foi muito perfeita em face da falta de experiência dos seus jogadores, os quais várias vêzes se deixaram ludibriar pelas manhas e truques dos sulinos para desmanchar e desfazer a resistência da defesa contrária. A gravura mostra o que foi a defesa cerrada dos paraenses — aí estão, vigilantes, três jogadores colocados em disposição tal que seria o bastante para impedir os ataques dos sulinos, se os paraenses não se deixassem enganar tanto pelas fintas e pelos passes dos adversários.



7. A consequência lógica é que frequentemente se formavam bôlos incríveis como o que é focalizado pela nossa gravura. Dodó, o arqueiro paraense, abandonava sua meta muitas vêzes sem necessidade, convencido de que tinha que intervir para afastar o perigo. Antes de afastar, êle, o arqueiro paraense, mais complicava a situação para a sua cidadela, já que, bem controlados, agindo com classe, os gaúchos anulavam frequentemente com êxito aquela intervenção precipitada. Não conseguia o arqueiro paraense deter a bola e esta ficava fácil para os gaúchos arrematar.



10. Nesse tento, aliás o terceiro dos gaúchos, o goleiro paraense já não procedeu como devia. Luizinho, ponteiro sulino, cobrou um escanteio e o arqueiro paraense ficou na expectativa da jogada, sem esboçar a mínima intervenção, deixando de se antecipar no lance. Bodinho entrou, então, de cabeça, e mandou a pelota para o fundo das redes contrárias. Foi tardio o movimento em seguida verificado quando Dodó quís defender — o impulso dado à pelota tirou-lhe tôda a chance de aparar o golpe. Entretanto, se nessa ocasião êle tivesse abandonado a meta, teria defendido sem perigo.



11. Aí estão duas figuras salientes da vanguarda gaúcha: Bodinho e Luizinho, respectivamente, centro-atacante e ponteiro-direito da seleção do sul. Formaram, um e outro, com os demais integrantes do ataque, um quinteto que desenvolveu atividade intensa diante da meta paraense, tudo fazendo em esforços e jogadas inteligentes para vencer a defesa contrária. Bodinho e Luizinho corresponderam bem ao que dêles se esperava.



Benitez chegou com a vitória. Marcou até um gol contra o Palmeiras, e fêz os rubro-negros ficarem cada vez mais satisfeitos com o futebol paraguaio.

Os Guaranis do FLAMENGO

FATO interessante é o que se relaciona com o Flamengo e suas relações com o futebol paraguaio. A projeção do futebol guarani na América do Sul é notória, pois que os paraguaios, em todos os certames de que participam têm demonstrado possuir ótimas qualidades, embora não tenham a vitalidade interna necessária para organizar grandes certames, como faz o Chile, por exemplo. Na realidade, o futebol chileno, tecnicamente, não pode ser considerado superior ao paraguaio, mas acontece que em Santiago existe o Estádio Nacional, possibilitando um grande intercâmbio entre o futebol chileno e o resto do continente. Isso não é viavel para o Paraguai que, sem contar com uma praça de esportes capaz de superar os onus do patrocínio de um certame internacional, é obrigado a abrir mão do direito de realizar certames. Agora mesmo estamos vendo essa situação, com a realização do certame entre os selecionados brasileiro e paraguaio, pela "Oswaldo Cruz", os paraguaios preferindo jogar no Brasil, pois sabem que em Assunção não poderão conseguir renda que chegue para arcar com as despesas de um certame dessa ordem. Tudo isso tem restringido a projeção maior do futebol paraguaio, sem que isso sirva de empecilho a que os guaranis lutem com bravura e ardor tôda vez que se depara um compromisso internacional. A difusão do futebol, tanto na capital como nas demais cidades do país sul-americano, é também bastante significativa, pois que normalmente o futebol de lá comporta até seis divisões, e o goleiro Garcia, por exemplo, começou sua carreira atuando num quadro de sexta divisão. Mas apesar de tudo os paraguaios vão vivendo, fazendo os seus estragos quando aparecem para jogar nos sul-americanos. Além do mais, a qualidade do futebol guarani tem tido como melhores arautos três de seus próprios jogadores, que deixaram as fronteiras para brilhar em outros paises.

O PARAGUAIO QUE DESCOBRIU O BRASIL

BRIA foi mesmo o descobridor do Brasil, numa época em que os clubes cariocas iam buscar tôda sorte de reforços entre argentinos e uruguaios. O Flamengo resolveu experimentar um paraguaio e trouxe Bria. Acertou o rubro-negro, porque o jogador guarani, entre nós, mostrou-se craque de verdade, tomando conta da intermediária rubro-negra. Nos melhores tempos da campanha rubro-negra, Bria foi sempre um dos pontos altos da equipe, e o mesmo vem acontecendo todos êsses anos em que o Flamengo anda mais ou menos brigado com as vitórias. Bria não deixou de ser o bom jogador de sempre. Mas como diziamos, foi êle o guarani que descobriu o Brasil, porque durante muito tempo foi êle o único jogador paraguaio a deixar sua terra para atuar em times brasileiros. A experiência com o futebol paraguaio aprovara, mas o nosso interesse ficou mesmo por Bria durante muitos anos, sem que isso significasse qualquer decréscimo do prestigio dos guaranis. Tanto assim que em quarenta e nove, quando ao Brasil coube promover o Sul-Americano, o Paraguai veio ao Rio para chegar a decidir o certame com os brasileiros. No jôgo em que os nacionais seriam os campeões do continente, o Paraguai resolveu ganhar, lançando o pânico entre os nossos desportistas. A sorte do Brasil é que os paraguaios já tinham uma derrota, havendo portanto o recurso da decisão do título. E quando chegou êsse jôgo, os paraguaios tiveram que pagar caro a afronta de vencer o Brasil em São Januário. Pagaram caro levaram uma goleada por sete a um, mas voltaram satisfeitos com a derrota imposta aos campeões...

Facilidades para a Imprensa e o Rádio nos Jogos Olímpicos de Helsinki

VÊM despertando crescente interesse em todo o mundo os Jogos Olímpicos de 1952, a se realizarem na Finlândia no período de 19 de julho a 3 de agôsto do ano corrente. Helsinki, escolhida para séde do grande certame, aguarda o comparecimento de cerca de 1.500 jornalistas estrangeiros e finlandêses, além dos representantes das grande agências internacionais de notícias, que deverão chegar àquela cidade com semanas de antecedência à data da inauguração dos Jogos a fim de assistirem aos estágios finais e à chegada das delegaçces. Dêsse modo, a presença de um ião numeroso e representativo contingente de jornalistas numa pequena cidade como Helsinki, cujo tamanho não oferece as mesmas facilidades que, em iguais circunstâncias, poderiam proporcionar cidades maiores, como, por exemplo, Paris, Berlim e Londres, — constituirá um verdadeiro "test" para a capacidade de planejamento do Bureau de Imprensa do Comitê Organizador.

LUGARES PARA JORNALISTAS

A DISTRIBUIÇÃO dos lugares para jornalistas seguirá o mesmo critério adotado nos anos de 1936 e 1948: o número de entradas será dividido entre os vários paises, proporcionalmente ao número de seus participantes. As quotas reservadas aos Comités Olímpicos Nacionais dos vários paises serão anunciadas pelo Comité Organizador este ano. Afora essas quotas, as grandes agências internacionais de notícias conseguirão seus lugares para os Jogos diretamente do Bureau de Imprensa.

A distribuição dos lugares reservados aos jornalistas nos diferentes campos foi organizada do seguinte modo:

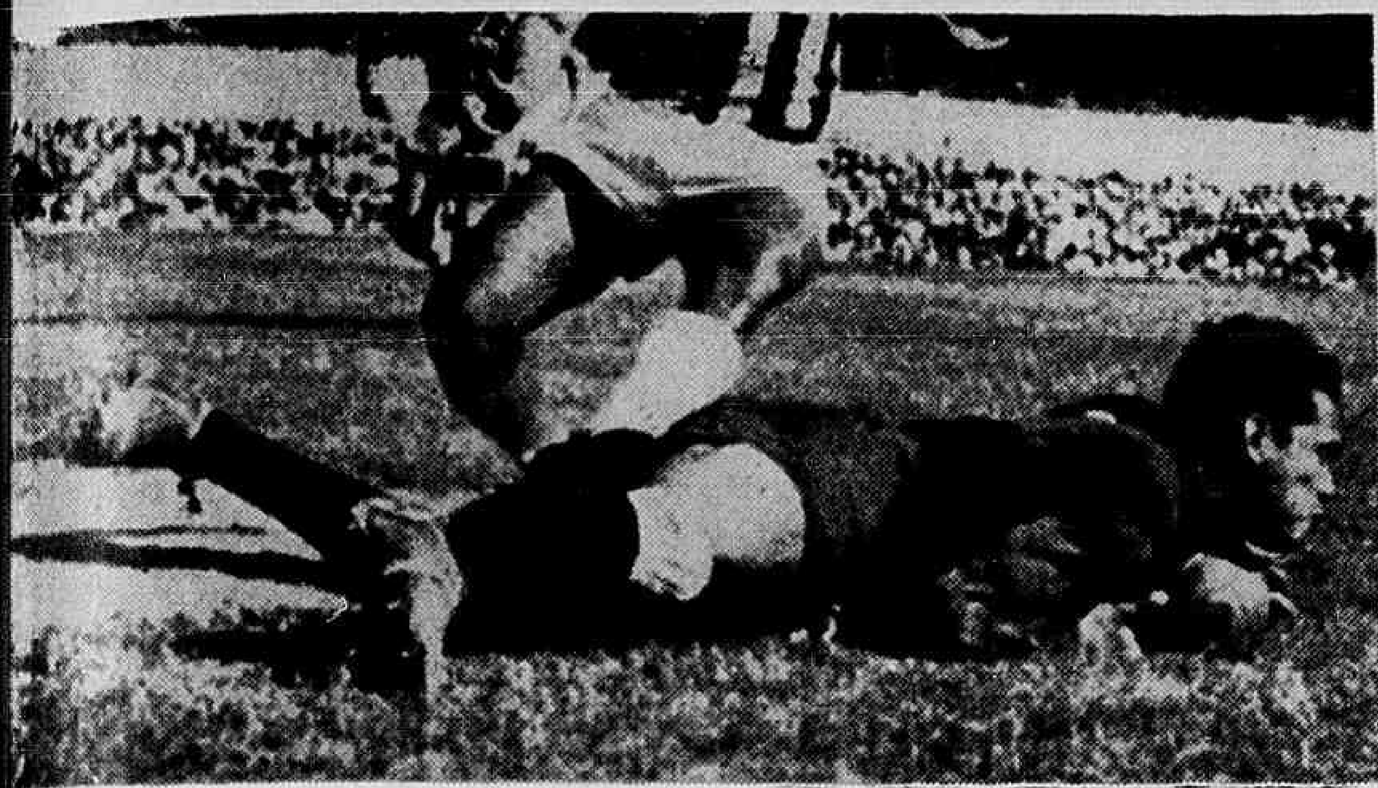
Estádio Olímpico — 300 lugares com mesas e 300 lugares comuns. Estádio de Natação — 100 lugares com mesas e 200 lugares comuns Hall de Exibição I — 200 lugares. Hall de Exibição II — 100 lugares. Velódromo — 250 lugares. Taivallahti (canotagem) — 100 lugares. Meilahti (remo) — 100 lugares. Laakso (hipismo) — 100 lugares. Ruskeasuo (saltos com obstáculos) — 40 lugares. Kâpylá (ciclismo em estrada) — 100 lugares. Pallokentaa (futebol) — 100 lugares. Hall de Tenis (basquetebol) — 40 lugares. Westend (esgrima) — 20 lugares. Malmi (tiro ao alvo) — 50 lugares. Huopalahti (tiro ao alvo) — 40 lugares. Hameenlinna (pentatlo moderno) — 40 lugares.

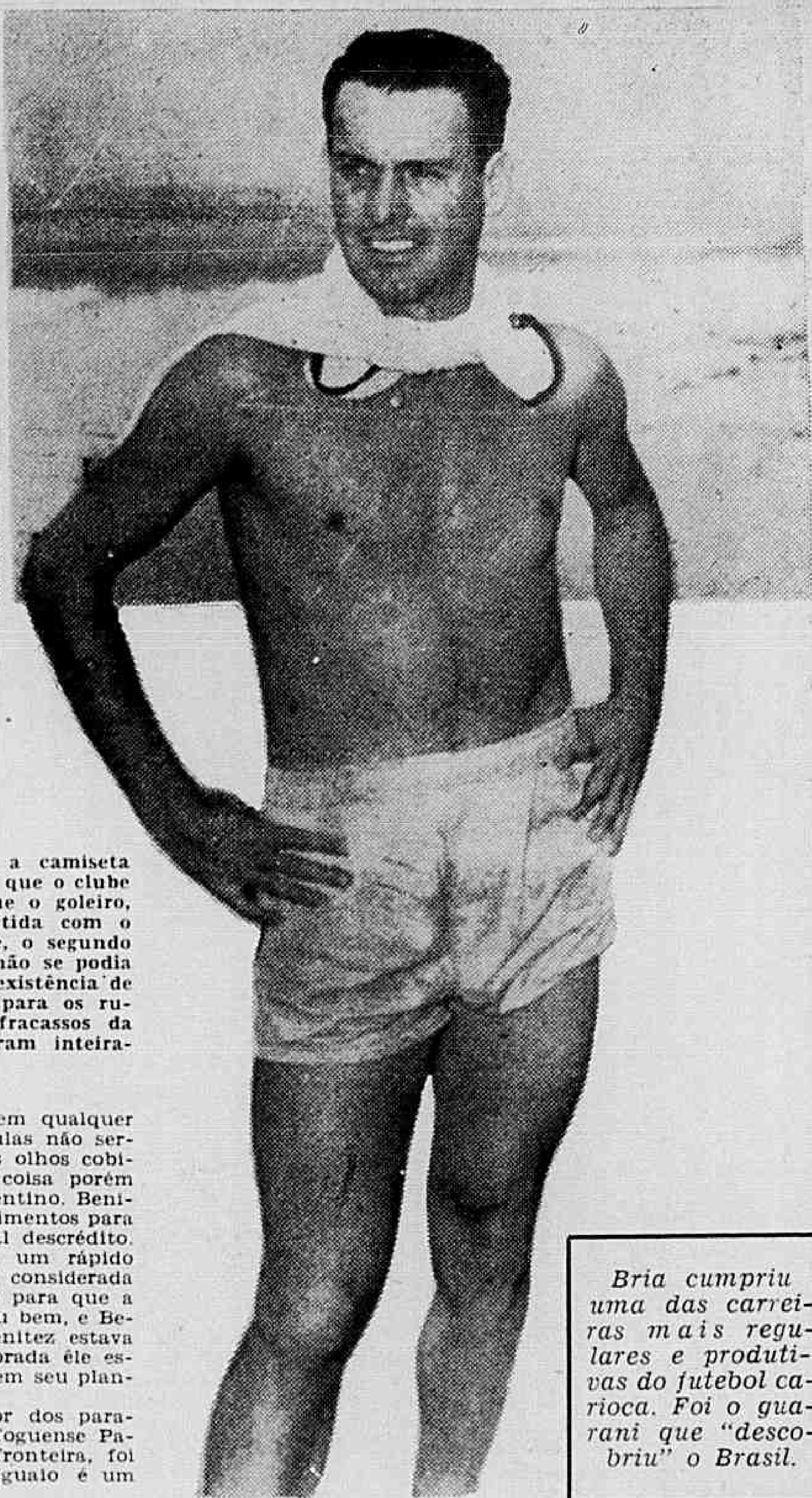
Os jornalistas poderão acompanhar as regatas de bordo de um vapor. O recinto destinado aos jornalistas na tribuna principal do Estádio Olímpico fica situado no extremo oposto à linha de chegada. Telefones poderão ser ligados às mesas. As salas de escritório, a serem alugadas aos jornais mais importantes, estão localizadas imediatamente próximo da tribuna de imprensa, no terceiro andar do Estádio. Essas salas medem cerca de 25 metros quadrados e dispõem de telefone e de alto-falante ligado ao contrôle de rádio que anuncia os resultados principais.

Os telefones também poderão ser ligados às tribunas de imprensa situadas no Estádio de Natação, Hall de Exibição I e II e Velódromo. Por outro lado, em todos os campos de esportes será instalada uma seção de correios e telégrafos e telefone público.

RÁDIO

MICROFONES de trinta estações de rádio poderão funcionar na tribuna da imprensa situada no extremo oposto à linha de chegada, tendo sido reservados um total de 210 lugares para locutores, técnicos e intérpretes. A Estação de Rádio Con-





Garcia deixou de ser quase um scratch para tomar o lugar mais simples de titular do Flamengo.

FICA MAIS UM GUARANI — Foi justamente naquela partida vitoriosa que Garcia fêz o seu cartaz ante o futebol brasileiro. O goleiro foi considerado um verdadeiro scratch e o Flamengo, talvez achando que a posse de Bria constituia uma prioridade para tentar trazer um novo paraguaio para o futebol brasileiro, não descansou enquanto Garcia não vestiu a camiseta rubro-negra. Garcia veio para ser um scratch dentro do Flamengo, e o que se pensava era que o clube da Gávea, com Garcia no gol não perderia mais partida alguma. Não foi bem isso, porque o goleiro, apesar de ser bom para o gol, não poderia brilhar domingos a fio como o fizera na partida com o Brasil. Mas de qualquer forma, a situação de Garcia no Flamengo ficou inalteravel, isto é, o segundo guarani dono da posição, da qual é titular até hoje. O Flamengo, com dois paraguaios, não se podia considerar mal satisfeito, de vez que podia contar com dois craques que significavam a inexistência de problemas naquelas posições. E assim os tempos foram passando, menos felizes todavia para os rubro-negros, que andaram num crescendo de temporadas infelizes, até culminar com os fracassos da temporada de cinqüenta e um, em que as renovadas esperanças da torcida rubro-negra foram inteiramente frustradas.

O PARAGUAIO BENITEZ SALVOU O FLAMENGO

O CLUBE rubro-negro chegou a uma situação critica, buscando jogadores de ataque em qualquer parte para ver se resolvia a incrivel situação de seu ataque. As mais variadas fórmulas não serviram e os dirigentes pensaram muito no estrangeiro. Com dois guaranis na casa, os olhos cobiçosos dos rubro-negros distinguiram um outro paraguaio que brilhava no Prata. A coisa porém não era facil, porque Benitez pertencia ao Boca, era craque de primeira linha do clube argentino. Benitez, aliás, jogara bem aqui, no citado Sul-Americano, e cedo fêz carreira no futebol. Os entendimentos para trazer Benitez ao Rio andaram situados em vários estágios, desde a incerteza até ao total descrédito. Mas de repente, o rumo modificou-se inteiramente, e Benitez desembarcava no Rio, para um rápido treino e um jôgo em seguida — o último do Rio-SãoPaulo — com o Palmeiras. A conquista, considerada como um golpe de publicidade do Flamengo, realmente levou muita gente ao Maracanã, e para que a festa ficasse completa o Flamengo conquistou uma bonita vitória, em que todo o quadro atuou bem, e Benitez fêz um gol. Não há dúvida, portanto, que o Flamengo é feliz com os paraguaios. Benitez estava fora de forma e nada mais era do que uma atração de público, mas para a próxima temporada êle estará integrado no plantel rubro-negro, como um dos craques com que Flávio Costa contará em seu plantel para traçar os rumos das novas campanhas.

O terceiro guarani, portanto, integrado ao futebol brasileiro, numa boa amostra do valor dos paraguaios. Temos ainda um outro que embora não seja guarani é paraguaio no nome. O botafoguense Paraguaio, falando o português com acentuada pronuncia castelhana, embora brasileiro da fronteira, foi criado no Paraguai, e fêz-se jogador de futebol no Paraguai. Mas de qualquer forma, Paraguaio é um guarani honorário, e os guaranis do nosso futebol são mesmo os três rubro-negros.

Bria cumpriu uma das carreiras mais regulares e produtivas do futebol carioca. Foi o guarani que "descobriu" o Brasil.

troladora (com 30 estúdios) será localizada a léste do Estádio e estará diretamente ligada com a tribuna da imprensa por uma pequena ponte sob a ala sul. Nos outros locais serão instalados ramais de irradiação com a seguinte distribuição: Hall de Exibição I, 10; Hall de Exibição II, 6; Estádio de Natação, 14; Velódromo, 8; Taivallahti, 6; Meilahti, 6; Laakso, 3; Ruskeasuo, 3; Käpylä, 8; Pallokentaa, 4; Tennis Hall, 3; Westend, 4; Malmi, 2; Huopalahti, 2; Hameenlinna, 3; Harmaja, 2; Corrida de Maratona, 8.

CENTRO DE IMPRENSA

O CENTRO de Imprensa principal funcionará nas vizinhanças imediatas do Estádio Olimpico durante os Jogos. Os resultados serão para ali encaminhados o mais rápido possivel e logo retransmitidos. Em cada campo, os resultados serão, naturalmente, comunicados e divulgados para os jornalistas. Em cada campo haverá uma secretaria supervisionando o serviço de resultados e prestando informações aos jornalistas. Além disso, será também instalado um pequeno restaurante , um bar e um serviço geral informativo que proporcionará uma serie de facilidades para o trabalho, tudo em ligação com o Centro de Imprensa.

ALOJAMENTO PARA JORNALISTAS

A CASA de estudantes "Domus Acadêmica", situada a uma milha do Estádio Olimpico, será reservada para servir de hotel aos jornalistas. Quatrocentos e cinqüenta jornalistas poderão ser ali acomodados, em quartos de duas pessoas, havendo telefone e rádio em cada quarto. Os quartos não dispõem de banheiros, mas existe chuveiros em cada andar. Café matinal e refrescos serão servidos nos quartos, havendo também nas proximidades um restaurante, em clube de primeira ordem, que será reservado aos jornalistas.

Como não será possivel acomodar todos os jornalistas em "Domus Acadêmica", o Departamento de Informações e Imprensa tentará alojar os jornalistas restantes em hoteis e habitações particulares, o mais perto possivel do Estádio Olimpico. Já foram reservadas residências particulares pelas grandes agências de notícias e pelos grandes jornais suecos e noruegueses a fim de fornecerem adequadas acomodações ao seu pessoal e assegurar-lhes tôdas as facilidades de trabalho. Os locutores e todo o pessoal de Rádio ficarão acomadados em um hotel, em aposentos por êles próprios reservados.

CARTÕES DE IDENTIFICAÇÃO

TODOS os jornalistas que chegarem a Helsinki na qualidade de representantes do seu pais receberão um Cartão de Imprensa com uma fotografia. Êste cartão não dará direito à entrada nos campos de esportes, mas servirá como cartão de identificação que garantirá ao possuidor tôdas as facilidades concedidas aos jornalistas que estiverem realizando a cobertura dos Jogos: acesso ao Centro de Imprensa, ao Restaurante da Imprensa, etc.

PRESENÇA DE JORNALISTA NA VILA OLÍMPICA

OS jornalistas atribuem grande importância ao fato de poderem visitar a Vila Olimpica antes do inicio dos Jogos, para entrevistarem os atletas e tirar fotografias. Não há necessidade, porém, de perturbarem os habitantes da Vila. É portanto necessário aos jornalistas que se comuniquem com o adido de Imprensa da Vila e obtenham a autorização precisa para visitar a delegação desejada. Não se pode pensar numa liberdade integral de movimento no interior da Vila.



Técnicos e SISTEMAS

Texto de CARLOS BELMONTE

O MOMENTO é ideal para falar em técnicos e táticas, e quantas serão as vozes autorizadas que já se pronunciaram sôbre o assunto, umas ponderadamente, outras de forma agressiva, naturalmente cada bando com seu quinhão. Os campos estão nitidamente divididos, e os adeptos da marcação em diagonal, naturalmente com Flávio Costa como bandeira, estão, no momento, um pouco ofuscados com o brilho da glória alcançada por Zezé Moreira, no recente Campeonato Pan-Americano de Santiago. O observador que pretender apenas estudar os vários pontos da complicada questão chegará certamente a uma conclusão que não pode de maneira alguma ser decisiva para a parte vencedora no momento. De fato, será difícil separar qualquer discussão em torno de marcação de sistema tático de jôgo, sem separá-lo da vitória alcançada no Chile. Não nos interessa saber se a formação em linha de três zagueiros, com os halves volantes, é boa, ou se a formação em linha diagonal é melhor. Êsse será um detalhe, e se assim tratamos parte que à maioria parecerá vital, é por saber que a significação de detalhe é para o momento presente, pois de nada adiantará colocar a questão nos termos definitivos, se a decisão sôbre a melhor tática sòmente o balanço do tempo nos dará a solução. No momento a marcação por zona está vitoriosa, menos por ela, do que pela conquista, que foi da maior transcendência para o futebol nacional. Jamais venceramos no estrangeiro, a despeito das boas equipes que lutaram lá fora. Mas foram sempre os mesmos obstáculos até então intransponíveis, das intimidações e das vitórias adversárias no peito. Tivemos uma Copa do Mundo que perdemos em casa por não saber combater, mas não se pode esquecer que quadros anteriores lutaram com bravura e não fugiram até a agressões, sendo, portanto, derrotados fora do futebol. Um dia porém, a despeito de tôda sorte dessas dificuldades, teriamos de vencer, e assim aconteceu agora, quando a nossa rapaziada, enfrentando a mesma pressão, soube lutar com fibra e viu vitoriosa essa tenacidade. Até aqui, portanto, nada induz que a tática da marcação por zona tenha sido o fator principal e primordial da vitória, quando se proclamou alto e bom som, que ganhamos por que nossos jogadores ficaram imbuidos da coragem para vencer todos os fatores adversos. Êsse, naturalmente, foi um magnífico trabalho de preparação.

Os partidários da marcação em diagonal estão um pouco ofuscados com a vitória de Zezé Moreira



D I D I

A ESTATÍSTICA TAMBÉM TEM IMPORTANCIA

TEMOS, pois, forçosamente, e a frio, que separar à vitória do Chile de qualquer discussão sôbre táticas. O técnico Zezé Moreira teve a precaução, antes da partida, de esclarecer que não houvera tempo para um treinamento efetivo e que seu sistema, assim, não poderia render o esperado. Essa justificativa para a eventualidade de um mau resultado deve prevalecer mesmo em tendo a situação mudado radicalmente. E nem pode deixar de assim ser, numa tentativa afoita de esquecer que a vitória foi do futebol brasileiro, para colocar em evidência a vitória de uma tática. Escrevemos acima uma frase em que falavamos em tempo, e, de fato, só o tempo, fornecendo os necessários dados para a estatística, indicará quem tem razão nessa polêmica que começou com as vitórias do debil Fluminense do princípio da temporada de cinqüenta e um, e prossegue com o valente scratch brasileiro. Para estabelecer qualquer confronto, é necessário contar com dados precisos, e êsses nos indicam que a diagonal de Flávio Costa, embora não tenha tido o laurel internacional, ou antes, a vitória extra-fronteiras, conta em sua fôlha com parcelas altamente significativas. Assim, não se pode esquecer a campanha do tri-campeonato pelo Flamengo, nem os campeonatos conquistados pelo Vasco, que foi o time padrão do futebol brasileiro, jogando sempre com um rendimento elevado de



Só em Santiago é que Zezé Moreira passou a admirar o jôgo de Eli



A esquerda: Desta vez, Flávio foi dos que mais torceram sem as responsabilidades da direção técnica. Para o antigo técnico venceu o Brasil, embora, lògicamente, êle continue acreditando na sua tática de jôgo. À direita: O homem indicado para a linha média, por sua capacidade técnica, era evidentemente Bauer. Mas o jogador paulista não se adaptou ao sistema de jôgo do preparador e depois do jôgo com o Peru cedeu o lugar a Eli.



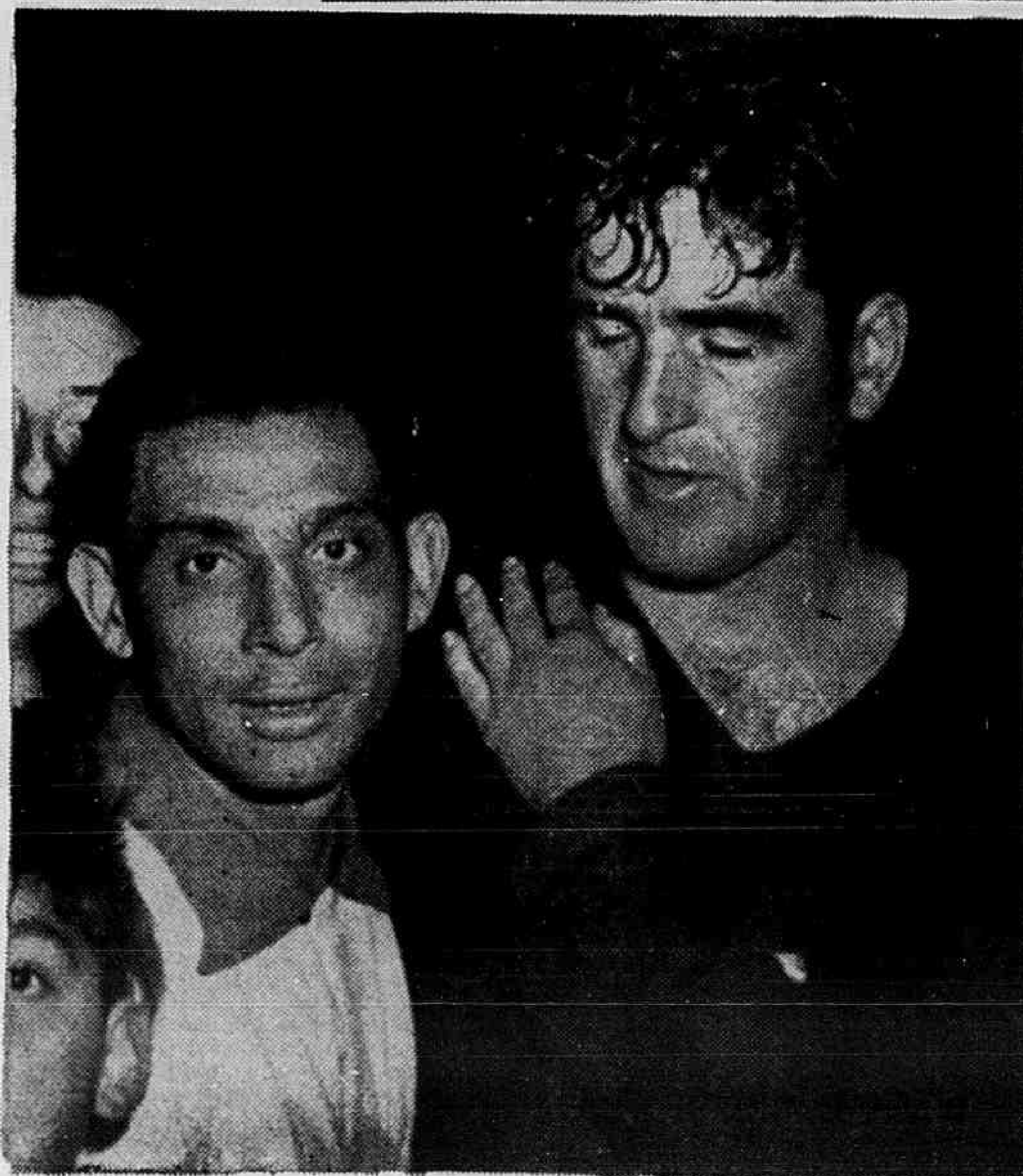


conjunto, a que não faltou também o laurel internacional, de vez que o Campeonato dos Campeões, no próprio Chile, não deixou de ser uma conquista de grande expressão internacional. Então o futebol brasileiro não era ainda o melhor do mundo e o Vasco em sua missão fora do Brasil soube dar o primeiro passo nesse sentido. Mesmo na Copa do Mundo, derrotados embora, ficamos no consenso da totalidade dos cronistas internacionais que nos visitaram classificados como os maiores virtuoses do futebol. Faltou a vitória, que sempre é o que mais interessa, mas nem se pode levar a derrota de 16 de julho à falência do sistema empregado por Flavio Costa.

A MARCAÇÃO POR ZONA E O FUTURO

POR tudo isso é que não se pode assim, de envolto com a capa do patriotismo, proclamar vencedora a marcação por zona aceita e objetivada por Zezé Moreira. O treinador tricolor e da última seleção tem todos os dotes para vencer como treinador, mas não se deve esquecer que, mais do que tudo, é necessário ter à mão bons e valentes jogadores quando se trata de compromissos no estrangeiro. E se quisermos fugir dessa realidade para fixar a questão puramente dentro das táticas, então teremos que completar a argumentação expendida acima, de que só o tempo poderá mostrar a vantagem da marcação por zona. Até agora as conquistas de Zezé Moreira e seu sistema não são suficientes para decidir a questão, pois que o campeonato de quarenta e oito pelo Botafogo e o de cinqüenta e um pelo Fluminense não tiveram a firmá-los as características de grandes campanhas. Ambos foram certames em que várias circunstâncias andaram influindo na colocação final, e ainda no campeonato do ano passado, para não ir mais longe, vimos o Fluminense ganhar o campeonato por ser o clube que soube deixar de perder no momento azado. Sim, porque a verdade, e os números aí estão, é que o campeonato passado foi de perde e ganha, e a mocidade tricolor influiu para decidir o título, perdendo menos que os outros. Evidentemente, essa não é uma razão para desmerecer um campeonato, seja de quem fôr, mas apenas vale para mostrar que não houve uma campanha de grandes atuações, em que o quadro campeão foi um conjunto sólido e com uma produção quase cem por cento efetiva. Assim dizendo, ressalta que a marcação de Zezé Moreira ainda não provou de forma exuberante a sua capacidade, de vez que seus triunfos podem ser mais facilmente creditados à sua personalidade marcante e ainda à boa estrêla, que, superstição ou não, é essencial para que uma campanha chegue a seu término com a vitória. Só o tempo portanto, com a conquista de novas vitórias, em que se sinta o efeito objetivo da marcação, servirá para consagrar a tática que colheu os louros do momento.

Já que citamos o Pan-Americano, não deixa de ser oportuno chamar a atenção para o trio final, com Castilho, Pinheiro e Santos, um dos mais poderosos que já defenderam a seleção brasileira, sendo que os demais jogadores da retaguarda, com um Djalma Santos, da Portuguêsa, em forma excepcional e Brandãozinho, que se afirmou como o grande craque do futebol brasileiro. Sem falar, naturalmente, em Eli, o excelente cruzmaltino que Zezé Moreira pareceu descobrir em Santiago, tal a admiração que nutriu por seu jôgo. Portanto o técnico teve material à mão e soube escolher, ficando com tantos elementos de primeira plana juntos, que mesmo sem o treinamento que seria logicamente necessário a retaguarda pôde efetuar nos jogos decisivos a tática de Zezé Moreira. Insuficiente por tudo isso o efeito desse sistema de jôgo, que terá de aguardar outras campanhas para que possa ser feito um estudo comparativo, possibilitando um veredicto final.



O trabalho de Rodrigues (com Maspoli) é importante no sistema de Zezé, e nas partidas decisivas, quando a retaguarda acertou por completo, o ponteiro pôde agir com desembaraço, fazendo a ligação de bola com o ataque.

KUBALA



Laslo Kubala, o extraordinário futebolista ex-húngaro, hoje espanhol por naturalização, envergando a camiseta do Barcelona.

Laslo Kubala é um fenômeno. O seu nome tem andado de página em página, comentado, elogiado, criticado, acusado, defendido, por todos os jornais da Europa. É um jogador extraordinário. Não discutimos que haja futebolistas de classe igual; superiores, é difícil admitir...

O seu "caso" tem feito correr rios de tinta. E agora que sua vida se normalizou, êle continua a ser citado frequentemente, porque sua categoria elevadíssima resiste a todos os ataques, terminando sempre vitoriosa. Não é impunemente que lhe chamam "el fenomeno"...

Nascido na Hungria, e depois duma vida agitadíssima Kubala é hoje espanhol por naturalização. Mas antes de conseguir a nacionalidade espanhola, quantas noites de insônia, quantos meses de criminosa inatividade, quanta tristeza perante acusações que não tinham razão de existência. Em Espanha encontrou a tranquilidade perdida. E êle tem sabido "pagar" a maneira carinhosa e amabilíssima como foi recebido e sua família, pelo Barcelona, contribuindo decisivamente com seus recursos de futebolista prodigioso para a vitória do clube na Taça Generalíssimo no final da temporada passada e para a conquista do título de campeão de Espanha na época que decorre.

Mas contemos em "duas pinceladas" a movimentada história de Kubala...

FERENCVAROS, O PRIMEIRO CLUBE!

LASLO Kubala Setoz nasceu em Budapeste a 10 de junho de 1927. Com 12 anos apenas assombrava, vestindo a camiseta do popular Ferencvaros, na categoria de infantis. Subindo vertiginosamente, chegou ao quadro principal do clube, envergando a camiseta da Hungria quando tinha 16 anos. Estreou-se contra a Áustria e realizou excelente exibição, marcando dois tentos e alinhando na meia-esquerda. A Hungria venceu por 5-2.

Pouco depois, nova internacionalização e nova vitória, por 2-0, ainda contra os austríacos. Kubala, "garôto-prodígio", de nuances suavíssimas exibiu-se superiormente!

Num prelio entre Barcelona-Atlético de Bilbau, Kubala marca magistralmente um dos tentos. A bola vai "pingar" no arco bilbaino, com um toque suave e colocado do maravilhoso dianteiro.



Em 1946, tentado por uma proposta do Bratislava, transferiu-se para a Tcheco-Eslovaquia, enchendo de luz intensa e rara os gramados tchecos com suas exibições perfeitas e requintadas. E de tal maneira impressionou que os dirigentes tchecos fizeram Kubala alinhar pela equipe representativa da Tcheco-Eslováquia.

Em 1947 regressou à Hungria para alinhar no Vasas, registrando-se uma autêntica "época de ouro" para Kubala. Com 20 anos atingiu uma forma transcendente, voltando justamente à equipe nacional húngara. Alinhou em oito prélios e obteve oito tentos, espalhando pelos estádios da Europa a luminosidade intensa de sua invulgar classe.

A SUA FUGA...

PRECISAMENTE em janeiro de 1949, Kubala conseguiu burlar a vigilância da polícia passando a fronteira do seu país para a zona de ocupação americana na Áustria. E seguidamente instalou-se em Itália, onde vários clubes tentaram sua transferência.

Devido, porém, à sua fuga, a Federação Húngara aplicou-lhe a pena de desqualificação para tôda a vida, acusando-o de fatos criminosos. E porque não conseguiu legalizar sua situação com nenhum clube, Laslo Kubala resolveu ingressar no Hungaria, equipe formada por outros futebolistas emigrados que andava em digressão permanente pela Europa, realizando prélios amigáveis.

De terra em terra, chegou à Espanha. Exibiu-se em Madrid e "abafou". Depois, frente ao Barcelona, esteve assombroso de faculdades! E o Barcelona resolveu conseguir o que os outros não ha-

FRAQUEZA PULMONAR?

TOSSES, PIGARROS, COQUELUCHE?

Se a tosse produzida pela fraqueza o atormenta e exige do seu organismo um esfôrço sôbre-humano, produzindo ânsias, asfixias e ruptura de vasos capilares, chiados e dores no peito, evite chegar a êsses extremos tomando algumas doses do REMÉDIO DO DR. REYNGATE, as gotas que dão alívio imediato nas tosses rebeldes, coqueluches e bronquites crônicas ou recentes, secas ou com catarro. Um único vidro do REMÉDIO DO DR. REYNGATE é o bastante para desobstruir as vias respiratórias, normalizar a respiração, dando alívio e bem-estar imediato, porque o mucus é dissolvido. Quem tem bronquite encontra no REMÉDIO DO DR. REYNGATE a sua salvação. Nas farmácias e drogarias. Distribuidores: Araujo Freitas & Cia., rua Cons. Saraiva, 41, Rio.

o Jogador Mais Discutido da Europa

riam conseguido. Consultas e mais consultas, correspondência trocada, alguns momentos de desalento, logo seguidos de mais intensa atividade por parte dos dirigentes...

POR ÁLVARO DE MELO E SILVA

KUBALA E A F. I. F. A.

DEVIDO à situação irregular de Kubala, a Federação espanhola não autorizou a sua inscrição. Entretanto o ex-Presidente da Comissão que desqualificara Kubala consegue também evadir-se da

o couro com o corpo, ninguém conseguindo arrancá-lo "legalmente" de suas chuteiras milagrosas! Artilheiro temível, num dos últimos prélios do certame de Espanha assinalou 7 dos 9 tentos que o Barcelona conquistou frente ao Santander! Porém, porque não é egoista e tem perfeita noção da importância do jôgo conjunto, sabe fazer

Apesar da oposição do adversário, Laslo Kubala vai realizar a jogada que imaginara... Disse dêle um jornalista espanhol: Kubala parece um dêsses isqueiros, tão raros hoje em dia, que nunca falham!



Esteja onde estiver, Kubala representa sempre um enorme perigo. No flagrante abaixo, o goleiro já defendeu, mas o poderoso dianteiro do Barcelona ainda está presente para uma derradeira tentativa...



Hungria e chegado a Itália declara que a F. I. F. A. deve intervir favoravelmente a Kubala porque as acusações de que é alvo são falsas e apenas motivadas por imposições politicas! Perante esta declaração, a Federação Espanhola aceita a inscrição de Laslo Kubala pelo Barcelona, verificando-se a naturalização como espanhol em junho de 1951.

A Federação Húngara não desiste de seus propósitos e protesta junto da F. I. F. A., levando o organismo máximo do futebol mundial a uma reunião plena do Comité Executivo realizada em Londres a 7 de outubro de 1951. Perante a clareza das alegações feitas pelos dirigentes espanhóis na aludida reunião, o Comité Executivo da F. I. F. A. concorda com os pontos de vista apresentados pela Espanha e termina o "caso" Kubala, com decisão favorável ao jogador e aos dirigentes Munoz Calero e Ricardo Cabot, que representavam os interesses da Espanha na reunião efetuada em Londres!

O "JOGADOR-MISTÉRIO" É UM GÊNIO DA BOLA!

FINALMENTE, Kubala, sua espôsa e seus dois filhinhos de tenra idade encontraram a tranquilidade. Com seu 1,76 de altura e seus 82 quilos de pêso, Laslo — hoje Ladislao — é muito simplesmente conhecido na Espanha como "el fenomeno". Nunca se sabe o que vai fazer, recorrendo a pequenos ardis e ratoeiras que desmoralizam o adversário que pretende subjugá-lo...

Possuidor de assombroso domínio do balão, ótimo pontapé e grande ciência do jôgo, Kubala é simplesmente excepcional a cobrir uma entrega milimétrica, com impressionante facilidade, para que o companheiro melhor colocado assinale a marcação do gol.

A sua classe invulgar de autêntico "jongleur" da bola e a regularidade de suas primorosas exibições, levaram o jornalista espanhol Carlos Pardo a escrever:

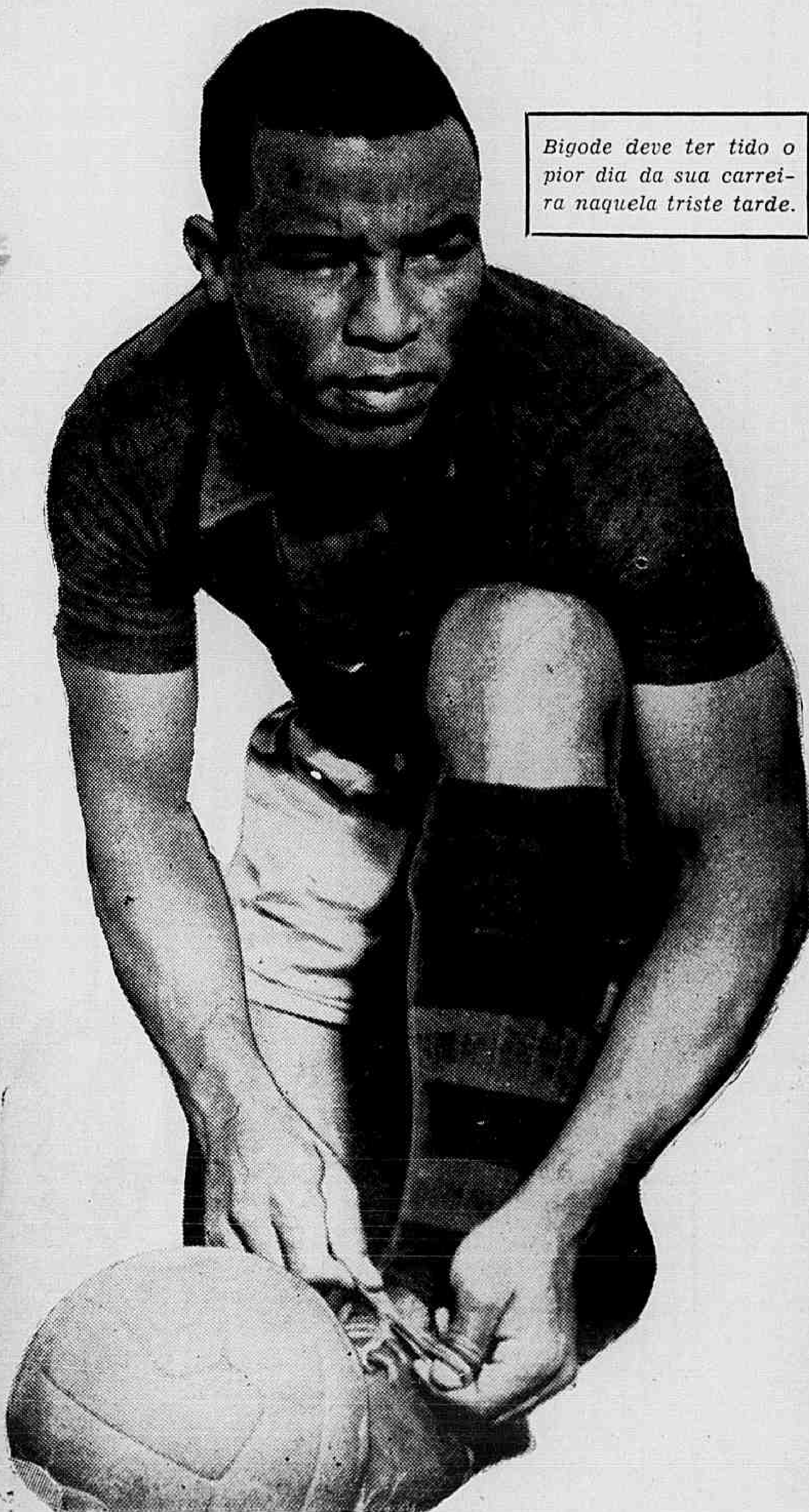
"Kubala parece um desses isqueiros, tão raros hoje em dia, que nunca falham!"



O Barcelona soube "agarrar" Kubala! (Caricatura do artista português Manuel Santana).

A Paz Não Era Pe

1 — Finda a partida decisiva da Copa do Mundo, os brasileiros se punham a chorar e a aplaudir — oferecendo aos estrangeiros que estavam no Estádio do Maracanã um espetáculo inédito, emocionante, chocante. Choravam porque o selecionado de futebol do Brasil havia perdido um título sobremodo honroso. Aplaudiram os integrantes do selecionado de futebol do Uruguai porque haviam reconquistado o cetro mundial. Os uruguaios, os heróis daquela magnífica jornada, dando expansão ao seu justo entusiasmo e alegria, olhavam, impressionados, para aquela multidão de duzentos mil brasileiros sem compreenderem aquele berrante contraste de sentimentos. Como era possível (naturalmente seria essa a pergunta que êles faziam a si próprios, incrédulos) aos vencidos chorar e rir ao mesmo tempo, quando tudo indicava que deveriam chorar, apenas? Teriam enlouquecido os brasileiros, teriam sido levados ao paroxismo do desespero, a ponto de perderem a razão e a noção da realidade impressionante? O espetáculo era realmente inédito — e os uruguaios não conseguiram compreendê-lo em sua exata significação.



Bigode deve ter tido o pior dia da sua carreira naquela triste tarde.

2 — Tanto não compreenderam que não souberam retribuir a distinção dos aplausos que os duzentos mil brasileiros lhes dirigiram com os olhos vidrados pelas lágrimas — e mostraram mesmo que não haviam aprendido a lição do Maracanã. Tanto não aprenderam que, uma vez chegados à Montevidéu, retornando à patria, felizes e venturosos, deram aos seus jornais entrevistas que foram um verdadeiro insulto aos brasileiros.

— Os brasileiros perderam a Copa do Mundo por covardia!

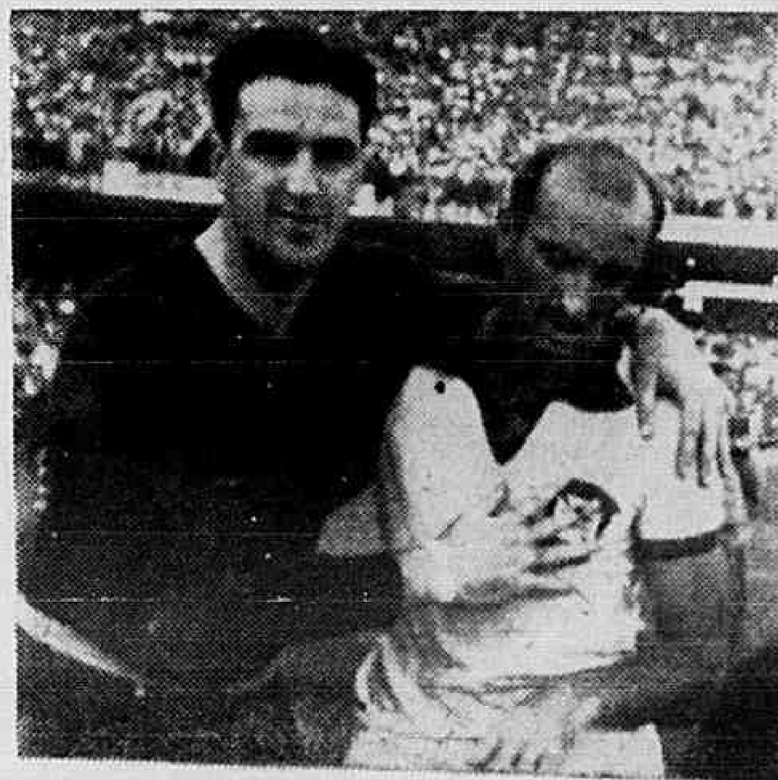
As declarações soezes de Obdulio Varela, a esfinge intocavel, de Gambeta, o monstro da brutalidade, e de outros, que se aproveitaram daqueles instantes de felicidade para insultar os brasileiros — aqui chegaram, através o sem fio, quando o país ainda não saíra do estado letárgico que o prostrou, quando os brasileiros ainda estavam recolhidos ao silêncio contemplativo da derrota, absortos, perdidos no vazio das divagações, o espírito errando naquele mundo estranho da dor. Não houve, por isso, revolta, ninguém se importando com os insultos dos nossos amigos uruguaios — amigos sim, reafirmamos, porque a tradicional amizade existente entre uruguaios e brasileiros não pode ser desfeita pelo simples resultado desfavoravel de uma partida de futebol ou pelas palavras levianas de alguns irresponsáveis.

3 — Sim. De fato, êles, os jogadores uruguaios, que não souberam compreender por que os brasileiros choravam e aplaudiam ao mesmo tempo, contaram, em suas entrevistas aos seus jornalistas, tão levianos como êles próprios, o que tinham feito no Estádio do Maracanã, não esconderam como puderam impôr a derrota aos jogadores brasileiros — explicando como Obdulio Varela, agressivo e indisciplinado, esbofeteou o médio Bigode, sem que este esboçasse a reação; como empurrou e ameaçou o juiz da partida, sem que o árbitro inglês George Readers tivesse coragem para puni-lo; como perseguiu e ofendeu a Jair; como Gambeta agrediu a Chico; como Mathias Gonzalez insultava Ademir. E tudo feito sem que os brasileiros — os jogadores brasileiros — revidassem, "acovardados que estavam". Não fizeram os uruguaios, enfim, mistério das atitudes anti-desportivas que assumiram. Ao invés de falarem em suas entrevistas aos seus jornalistas, em técnica de futebol, ao invés de blasonarem que estava provada a superioridade do futebol uruguaio sôbre o futebol brasileiro (o que poderia ser aceitavel, em última análise) — preferiram, antes insultar-nos, insultar os jogadores do selecionado brasileiro, tachando-os de covardes.

E porque nos julgaram vencidos pela covardia, os orientais não puderam compreender a verdadeira significação daquela atitude dos duzentos mil brasileiros chorando e aplaudindo ao mesmo tempo — não compreendendo que os brasileiros davam ao mundo uma impressionante demonstração de educação esportiva, não compreenderam que os jogadores brasileiros não revidaram a agressão sofrida porque tinham que fazer as honras da casa — porque são educados, e não covardes.

4 — Os jogadores brasileiros preferiram silenciar, não respondendo aos insultos contidos nas entrevistas dadas pelos jogadores uruguaios ao retornarem à patria, felizes e venturosos. Não valia a pena provocar celeuma com quem não soubera ser desportista. O melhor seria aguardar o reencontro — um novo encontro. E que êste se verificasse em terreno neutro, o mais cedo possivel. Nessa ocasião, então, se fosse necessário, se assim fosse exigido pelos uruguaios, os jogadores brasileiros provariam aos jogadores uruguaios que também sabem usar as mesmas armas que êles sempre usaram — não a arma do insulto, que esta só os covardes manejam, mas a arma da fôrça, da violência e da brutalidade, aquela mesma arma que os jogadores uruguaios confessaram

Mas; unicamente Maspoli, o arqueiro-gentleman, soube sentir ... gusto, que chorava, como choravam duzentos mil brasileiros ... fase das mais intensas da grande partida disputada em 16 de j... Maspoli, teve que abandonar sua intenção de dar prosseguimen... match havia terminado e na cancha, confraternizando-se, os u... o espetáculo inédito que ofereciam os brasileiros, ...





rfeita

n suas entrevistas terem lançado mão para conquistar a Copa Jules imet.

Menos de dois anos depois, a 16 de abril de 1952, o reencontro teve gar, em terreno neutro — em Santiago do Chile. Os brasileiros calmos tranquilos. Os uruguaios também tranquilos, mas arrogantes, confiantes n que teriam nova oportunidade para vencer os brasileiros pela vioência e agressão.

5— **O match começou bem, sem qualquer manifestação inicial de que a rivalidade desportiva degeneraria em rivalidade hostil. Os brasileiros, dominados pelo desejo de alcançar a reabilitação daquela derrota incompreensível, procurdram realizar um jôgo sobremodo prático e eficente, penetrando com frequência — e até com relativa facilidade — dentro das nhas da retaguarda contrária. O fruto de um trabalho cuidadoso de equipe não rdou a surgir. Veio o primeiro tento — anulado. Mas veio o segundo — que ou valendo como primeiro. E logo depois veio o segundo. A superioridade técca da seleção brasileira era evidente. Os uruguaios deram então os primeiros nais de nervosismo — temendo a goleada, não querendo participar de um aile". Veio o segundo período da luta — da luta, sim, porque os orientais logo ostraram que estavam dispostos a lutar. Não, porém, com a bola, com os pas- s, com as fintas, com as manobras técnicas. Lutar com os pés, os cotovelos, braços e as mãos. Já não eram mais simples sinais de nervosismo. Era a ressão inequívoca, a violência a descoberto, a brutalidade declarada. O emêgo de todos os recursos anti-desportivos — aquêles mesmos usados na Copa Mundo — para intimidar os brasileiros e com isso evitar a goleada, que os uguaios mais temiam. O terceiro tento brasileiro a nihil fêz crescer ainda mais violência — crescendo porque, então, praticamente com a vitória assegurada, vitória de que precisava o nosso futebol para se reabilitar da derrota de 1(julho de 1950, resolveram os brasileiros revidar a agressão para provar aos ssos amigos uruguaios que não são covardes — que não perderam a Copa Mundo por covardia e nem pôrque o futebol uruguaio é superior ao nosso. deram os orientais saber, então, o bicho que ia dar... Provocaram a violência encontraram como resposta a violência. Certos de que os brasileiros entregam o jôgo. Mas os brasileiros não entregaram o jôgo e nem entregaram a cara ra os uruguaios bater.**

6— A vitória dos brasileiros foi impressionante: quatro a dois, o resultado final. Mas não foi sòmente a vitória que satisfez, mesmo servindo para desfazer quela nódoa negra de 16 de julho. uito mais do que a vitória, satisfez s jogadores brasileiros a oportunidade e tiveram de provar aos uruguaios e não são covardes, que não perdem a Copa do Mundo por covardia.

No final das contas, narrados os fatos mo os mesmos se verificaram, temos que r razão a Obdulio Varela, a esfinge, o imigo número um dos jornalistas e dos tógrafos, quando, retornando a Montedéu, deu uma nova entrevista aos jorais, referindo-se aos brasileiros. "Brasil nó bien, utilizando la tática que dió Uruguay el Campeonato Mundial. onstituiron su equipo a base de hom- res atleticamiente bien formados, corpuntos y ademais duenos de todas las clas- s de manhas e trampolinagens. Se licaron, como a nosotros, cotoveladas, npurrones y toda la suerte de trucs. La prendieron lindamente y por eso nos ga- aron".



Natural que houvesse aquela expansão de alegria e que todos os uruguaios tivessem a oportunidade de apreciar o troféu conquistado.

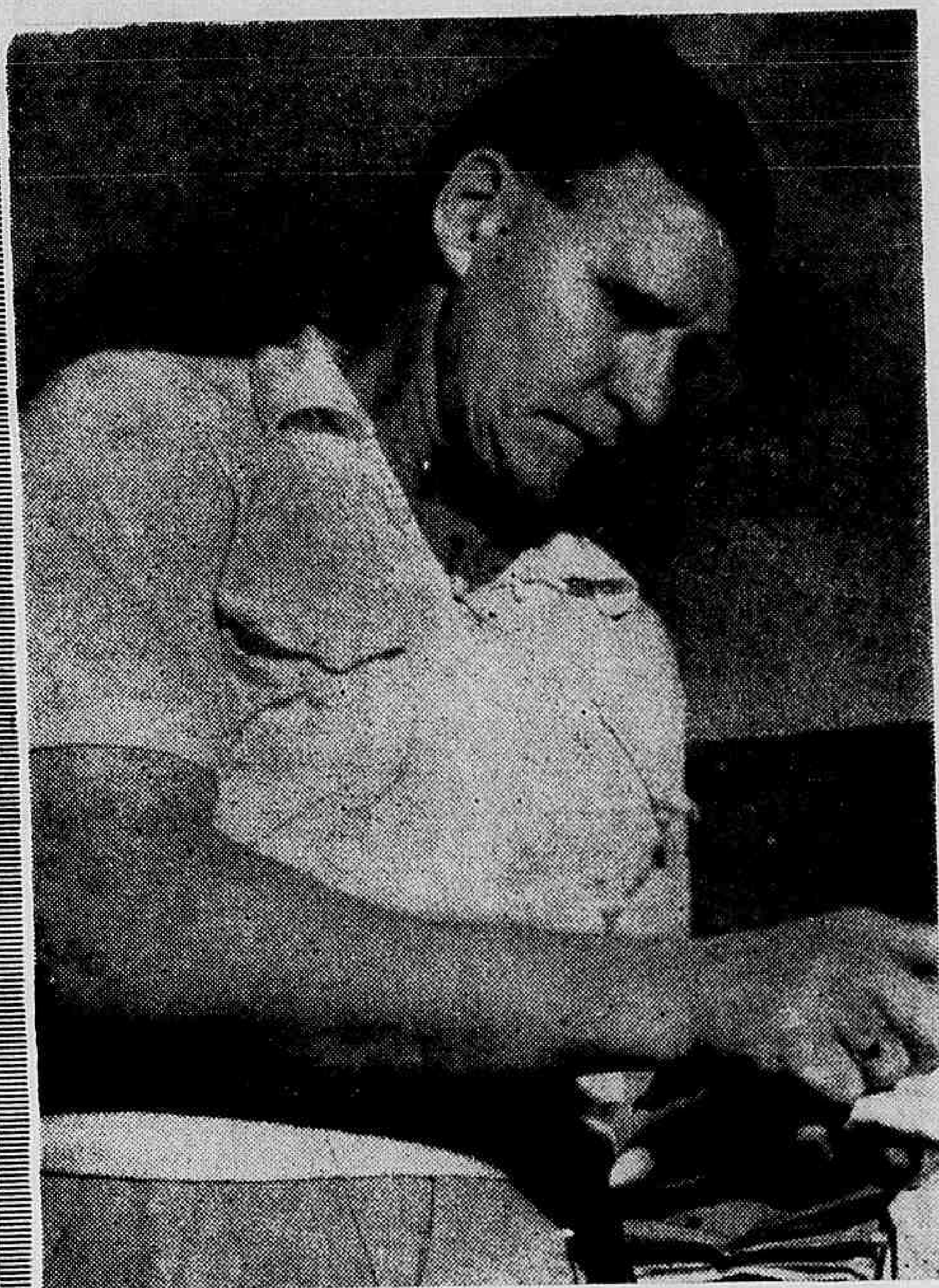
De VASCO ROCHA

Giggnia, que se tornou famoso com a vitória do seu time. Hoje, o simpático uruguaio há de ter nova opinião sôbre o futebol brasileiro.

or dos brasileiros, e procurou reconfortar Au- ssistiram o desastre. Ao centro, apreciamos uma quando Ademir, para não machucar o goleiro lance, em arrancada contra a meta oriental. O ios se abraçavam, assistindo, sem compreender, ndo e aplaudindo ao mesmo tempo.







GRANÉ numa fotografia atual.

OS MAIORES

ZAGUEIROS BRASILEIROS

Muitos foram os super-campeões, cada qual na sua época, no seu estilo e no seu físico — Os antigos dos primeiros tempos e os que vieram depois — Domingos da Guia e Augusto fizeram ponto final aos da época atual — Os de agora — e o seu julgamento daqui à 10 anos —

OLÍMPICUS

EM relação aos maiores zagueiros do futebol brasileiro de todos os tempos, pode-se dizer o mesmo que dissemos em relação aos goleiros. Já tivemos uma série interminavel, desde os tempos do Velodromo, dos campos da rua Paissandu, etc., até há pouco, quando ainda estava na ativa Domingos da Guia. Antigamente, já se sabe, os zagueiros eram estouradores, desses que enfrentavam o adversário dizendo "ou vai ou racha", ou seja, ou bola ou canela... Cada chute do tamanho quilométrico. Depois, o estilo aprimorou-se. Tudo evoluiu. Aliás, o jôgo do zagueiro taticamente teve uma evolução muito interessante. A princípio jogava um na frente e outro atrás. Depois, mais ou menos em posição paralela. E agora, como é sabido, um observa a posição central, outro a posição lateral, ou seja, o zagueiro marcador de ponta e o chamado zagueiro central. Mas, antigamente ou hoje, sempre existiram os super-craques. O futebol do passado culminou no inesquecivel gorro vermelho de Bianco, no campeonato sul-americano, uma figura verdadeiramente assombrosa, naquele épico campeonato, especialmente no encontro decisivo com os uruguaios. Era Bianco o protótipo do zagueiro equilibrado, consciente, limpo e científico. A história é muito extensa. Quem pode, por exemplo, esquecer aquele fenomenal zagueiro que foi Nery, do Flamengo, jogador estilizado, elegante, intuitivo, ao lado de Pindaro, seu inseparável companheiro de clube e de se-

O FUTEBOL ALEMÃO

E O SEU CRAQUE N°. 1

RESSURGE o futebol alemão. Volta ao antigo esplendor, através de muitos jovens que se revelam e de alguns veteranos que se mantêm no primeiro plano. Cimenta-se de novo o seu prestígio no conceito internacional. Brilhantes resultados conquistou já o selecionado germânico, em especial os supreendentes 2-0 contra os austríacos, em Viena.

Novas estrêlas vão enchendo o firmamento do futebol alemão. Um nome, porém, se eleva acima de todos. Paira altíssimo e o seu prestígio não conhece fronteiras, nem respeita limites — Fritz Walter!

Êle era uma das mais expressivas e gritantes legendas do futebol europeu, antes da guerra. E apesar da inatividade forçada, em seis anos de conflagração mundial, não perdeu qualidades, recuperando meteóricamente o antigo esplendor. Hoje, com seus 30 anos, êle continua a ser um assombroso futebolista, merecendo em absoluto a designação porque é conhecido em sua pátria — "rei dos atacantes"!

UM ÚNICO CLUBE, O 1 F. C. KAISERSLAUTERN

FOI 1937 o ano em que se revelou. Surgiu, franzino e sêco, em seus 16 anos espigados e confiantes, no gramado do 1 F. C. Kaiserslautern, mostrando desejo de integrar o quadro juvenil da coletividade. Aprontou e surpreendeu os técnicos, com sua rara e subtil intuição para o futebol. Ficou, evidentemente...

No curto espaço de um ano, o jovem futebolista "saltou" até à turma de honra, brilhando sempre. Rápido, finalizador emérito, de vastíssima concepção futebolística, Fritz Walter impôs-se depressa à consideração do público e da crítica, recebendo os maiores elogios da imprensa esportiva, que lhe vaticinou um futuro brilhante e uma carreira aureolada dos mais retumbantes êxitos.

E Fritz Walter continuou a assombrar com suas jogadas de gênio, conduzindo, orientando e iluminando o único clube de tôda a sua carreira — o 1 F. C. Kaiserslautern.

ESTRÉIA INTERNACIONAL

TINHA 20 anos quando vestiu pela primeira vez a camiseta da Alemanha, num prélio contra a Itália. Genial, a arquitetar e a realizar, Fritz Walter conquistou um pôsto na turma do seu país, sendo apontado sempre como autêntica e rútila estrêla do conjunto.

Através de atuações maravilhosas, que as platéias do continente aplaudiam com sincera admiração, tornou-se figura esponencial do futebol europeu. O seu jôgo incisivo e elegante, o seu dribling veloz e insinuante, o seu apuradíssimo domínio do balão, a invulgar argúcia no discernimento do lance mais indicado e a colocação do seu tiro potente e mortal, deram-lhe justa fama de fenômeno do futebol, galgando a passos gigantescos a longa e enganosa estrada da glória...



O quadro do 1 F. C. Kaiserslautern, atual campeão da Alemanha. O segundo a contar da esquerda, em pé, é Fritz Walter, treinador e jogador do clube e o mais famoso internacional alemão em atividade.

UM PARÊNTESIS...

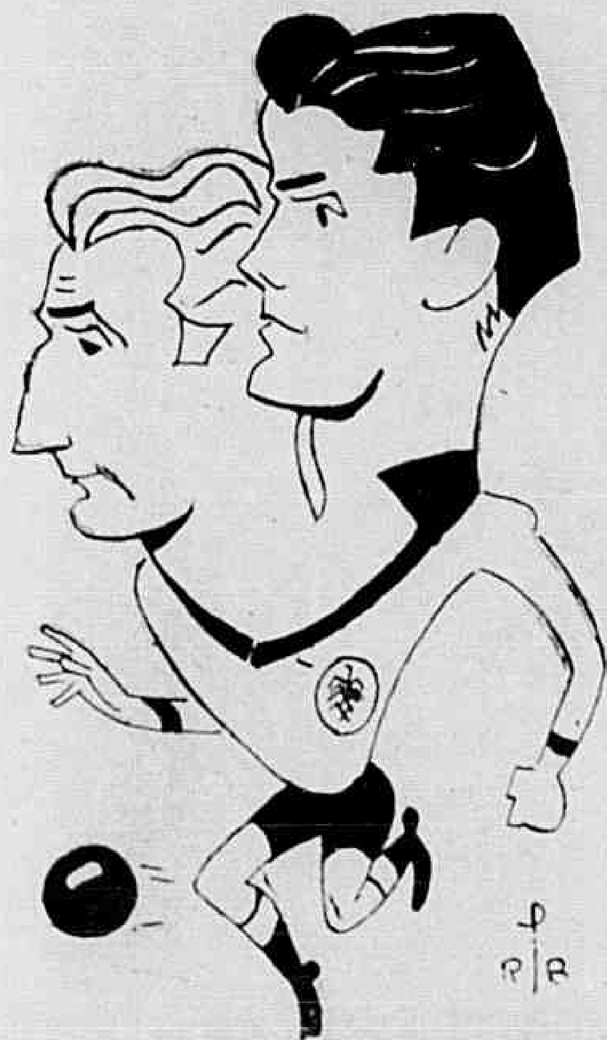
VEIO a guerra. E o nome famoso de Fritz Walter desceu repentinamente às profundezas do anonimato. Não era mais o atleta de predicados assombrosos para o futebol, que vestia orgulhosamente a camiseta da Alemanha. Era um soldado como outro qualquer. Ia, mais uma vez, representar a sua pátria, num desafio internacional. Um desafio onde não havia o tradicional apêrto de mão, a moeda ao ar para escolha de campo, o pontapé de saida, ou a alegria dos tentos que conduziam à vitória...

DE TODOS OS TEMPOS


JAÚ, o capitão de 1937.

leção, o protótipo do zagueiro rompedor, que se impunha com o vigor e a agressividade. Tipo sugestivo de zagueiro foi também o inigualável Orlando Pereira, campeão paulista da seleção paulista e do selecionado brasileiro. Era jovem, gordo, de uma gordura incrivel para ser zagueiro. Não corria. Era calmo e sereno. Esperava o adversário até chegar. Tomava-lhe a bola. Driblava-o várias vêzes e depois chutava para a frente. Seu companheiro Carlito, durante muitos anos, era um tipo de Nery. Chico Neto e Vidal, ambos do Fluminense e das seleções, constituiram uma parelha enérgica e forte, quase dois gigantes, duro de passar. Têm lugar garantido na história dos maiores zagueiros do Brasil. Grané, que surgiu em 1917, no mesmo ano do saudoso Bartô, foi o back de maior chute e justamente o jogador de sua posição que mais gols fêz no futebol brasileiro, pois frequentemente não errava um chute de punição, fosse penal ou de outra posição. Bartô foi o tipo do zagueiro espetacular, espalhafatoso, temperamental. Enfim, o zagueiro destruidor, a antítese de Clodoaldo, seu companheiro durante 8 anos no clube e nas seleções. Clodô era jogador de grande raciocinio. Não saia de sua zona, onde manobrava docilmente a bola e o adversario. O protótipo do zagueiro "de colocação", como se dizia naquele tempo. Impetuoso como Bartô foi Del Debbio. Às vêzes perigoso, porque não poupava o adversário...

Entre os zagueiros dos mais típicos devemos citar Palamone e Penaforte, incrivelmente miudos para tal posição, ou seja, jogadores dos chamados "meia garrafa". E no entanto ninguém podia com Penaforte e Palamone. Outros zagueiros cariocas de grande projeção no passado: Telefone, Helcio, Hildegardo, Italia — que foi um monumento na equipe vascaina, Espanhol que deixou um bom nome. Mais atrás, bem mais atrás, iremos encontrar um dos maiores zagueiros de todos os tempos, nos campos do Rio ou de São Paulo, Belfort Duarte, que foi o primeiro a pôr em prática o lance típico que leva o seu nome, ou seja, o "Belfort". Também do seu tempo foram Menezes, Itaboraí, José Rubião, etc. Quando surgiu o profissionalismo, apareceu uma nova leva de zagueiros de grande classe, como Nariz, Carnera, Jaú, Machado, Junqueira, todos tendo como chefe absoluto o fenomenal Domingos da Guia, que trouxe sem dúvida uma nova concepção do jôgo do zagueiro, não sòmente no futebol brasileiro, como no argentino e no uruguaio também, e que acabou culminando na Taça do Mundo de 1938. Zagueiros de todos os tipos e de todos os tamanhos, que pode-se dizer já constituem uma serie interminavel, que se fossemos naturalmente lembrar todos precisariamos de várias páginas. Dos atuais naturalmente se falará muito ou pouco, seja lá como fôr, daqui a 10 anos. Parece que o mais recente famoso aposentado é Augusto, que deve figurar nessa extensa lista de campeões, pela sua longa carreira que culminou como campeão sul-americano de 1949 e de capitão do selecionado do Brasil em 1950.


Fritz Walter e seu irmão Otmar Walter, ambos jogadores do 1 F. C. Kaiserslautern e do selecionado germânico, numa caricatura dum artista alemão.

....Longos e terríveis meses agitaram o mundo. Nada mais se soube de Fritz Walter. Vivo ou morto? Eis uma interrogação para a qual não se conhecia a resposta...

TREINADOR E JOGADOR

QUANDO o mortífero flagelo terminou, foi necessário começar de novo. E Fritz Walter apresentou-se no seu clube de sempre, o 1 F. C. Kaiserslautern, sendo escolhido para seu treinador e jogador.

Iniciaram-se as competições. Voltaram a alegrar-se e a encher-se os vários estádios germânicos. Disputaram-se campeonatos, um em cada zona de ocupação e, ano após ano, o clube de Fritz Walter conquistava o título de campeão da zona francesa. Na temporada última, os quatro clubes vencedores das suas zonas disputaram entre si o título de campeão da Alemanha e o 1 F. C. Kaiserslautern, conquistou o 1.º lugar, sendo Fritz Walter o seu elemento de maior classe e capacidade.

O "MERCÚRIO" DO SELECIONADO

QUANDO na época passada o futebol alemão regressou ao convívio internacional, o nome de Fritz Walter foi o primeiro a ser unanimemente indicado para a equipe da Alemanha. E foi-lhe conferida a honra de capitanear a turma.

Fritz Walter voltou às partidas internacionais mais inteligente, mais clássico e mais estratega do que nunca. É êle, indiscutivelmente, o "mercúrio" da equipe germânica. As três dezenas de anos que conta na atualidade não o impediram de reconquistar o lugar de evidência que ocupava antes da guerra. Luzindo sua habilidade, malabarismo e precisão, semeando a devastação com seus driblings de magia, lançando o pânico com a violência e certeza dos seus poderosos tiros, voltou a palmilhar, gloriosamente, a dura e sinuosa escalada da fama, encontrando-se de novo nos degraus mais altos do futebol europeu.

A sua excepcional capacidade não tem passado despercebida aos importadores italianos, mas Fritz Walter tem-se mostrado impassível, perante as fabulosas propostas que lhe enviam vários clubes de Itália, continuando fiel ao único clube da sua vida, onde alinha também seu irmão mais novo Otmar Walter.

Não fôra a guerra e êle seria hoje o recordista das internacionalizações do futebol alemão. Assim mesmo defendeu até agora a camiseta da Alemanha em 29 prélios internacionais, brilhando sempre como futebolista de raríssima estirpe.

Êste é Fritz Walter. Um autêntico craque! O mais perfeito cérebro, ao serviço do futebol, com que conta o esporte-rei na Alemanha.


Momentos antes do prelio Alemanha-Turquia os dois capitães, Fritz Walter e Naci, cumprimentam-se. Entre ambos, o juiz inglês **Mr. Ellis.**







CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

BILHETES

NEWTON CARNEIRO — Fortaleza — Ceará — 1) — A excursão do Botafogo a Recife foi em 1919 nos meses de janeiro e fevereiro. O alvi-negro cumpriu os seguintes jogos: 6x1 sôbre o Esporte Clube Recife. Gols de Petiot (2), João de Deus Candiota (2), Santinho e Burlamaqui; 2x3 ante o Santa Cruz. Gols de Petiot; 2x0 sôbre o América. Gols de Petiot e João de Deus Candiota; 1x0 sôbre o Esporte. Gol de Nequinho; 2x4 ante a seleção pernambucana. Gols de Vadinho e Santinho; 1x0 sôbre a seleção (revanche). Gol de Nequinho. 2) — A Portuguêsa de Desportos na sua excursão à Europa disputou os seguintes jogos: 28-4 em Stambul: 3x1 sôbre o Fernebahce; 29-4 em Stambul: 4x2 sôbre o Galatassaray; 4-5 em Stambul: 4x1 sôbre o Beziktas; 6-5 em Ankara: 4x1 sôbre a seleção de Ankara; 8-5 em Ankara: 3x1 sôbre o Galatassaray; 15-5 em Madrid: 4x3 sôbre o Atlético Madrid: 17-5 em Valência 1x1 com o Valência; 20-5 em Helsingborg: 5x3 sôbre o Helsingborg; 25-5 em Jonkoping: 1x0 sôbre o Sondra; 28-5 em Jonkoping: 4x2 sôbre o Karraten; e 29-5 em Gotborg: 2x1 sôbre o Gotborg. 3) — Não houve terceiro jôgo entre Alagoas e Sergipe no campeonato brasileiro de 1946. Houve apenas dois jogos com prorrogação no segundo e os resultados foram êstes: 1.º jôgo: Sergipe 1x0. 2.º jôgo: Alagoas 1x0. Prorrogação: Alagoas 1x0. O último jôgo foi à tarde.



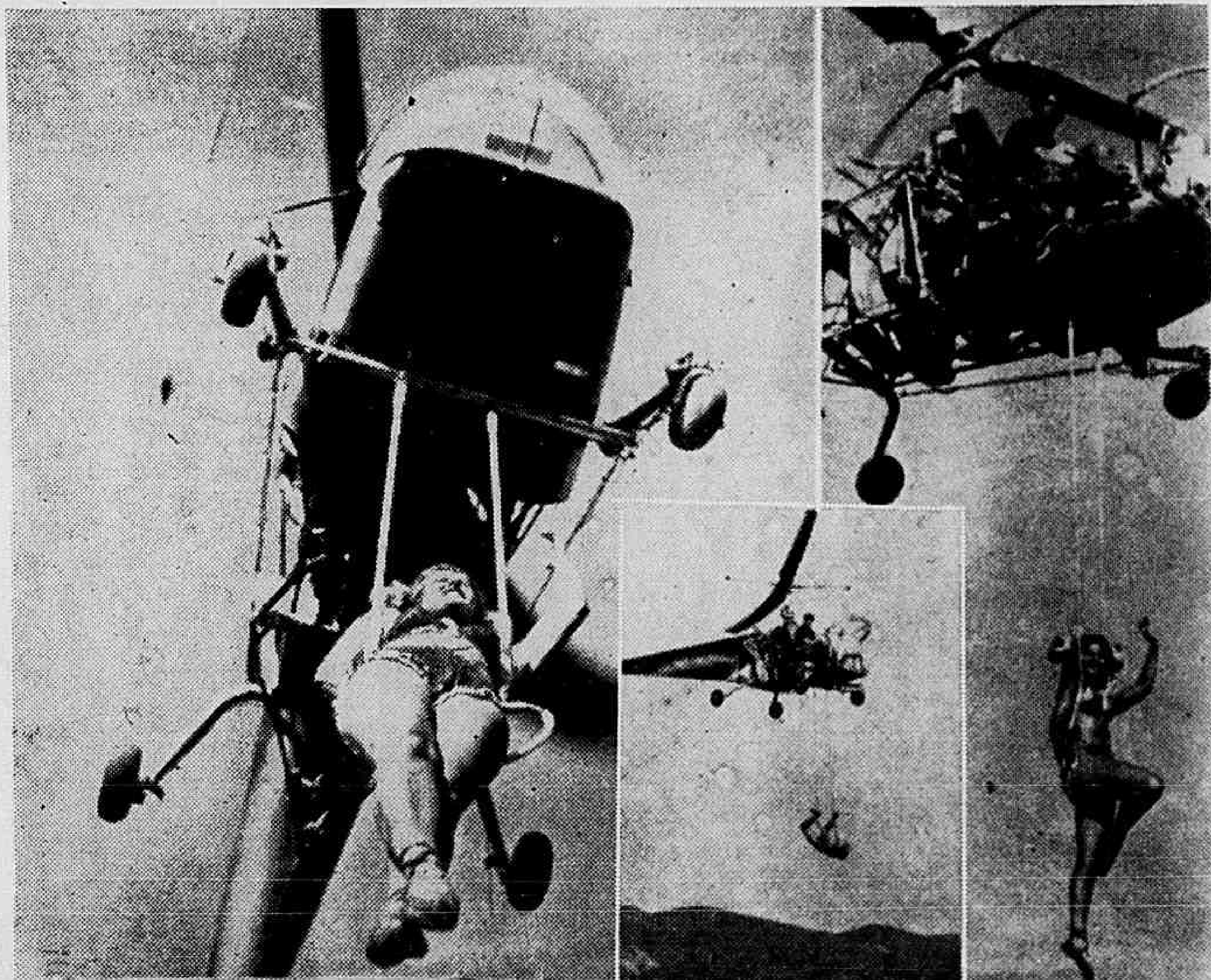
DANILO, por Idelson José Carneiro, de Itiuba, Bahia.

LUIZ EDUARDO CARVALHO — São Paulo-Capital — Rejeitados os seus desenhos de Carbone e Oswaldo do Bangu.

DIOMAR BASTOS GOUVEA — Sampaio — **Rio — 1)** — E' fato. **O Vasco teve há anos um arqueiro amador chamado Diomar Castro, que chegou a jogar uma vez no time principal.** 2) — **O Luís Borracha tem passado normalmente nos exames médicos, sem acusar lesão na vista. Mas o fato é que nos jogos noturnos êle não se dá bem.** 3) — **Não temos a estatistica completa dos jogos Flamengo x América. 4) — Rejeitado o seu desenho de Pirilo.**

—— : ——

JOAQUIM PROCOPIO — Salvador — Bahia — 1) — O famoso Friedenreich **foi até agora** o jogador de mais longa atividade no futebol brasileiro. Começou no Germania em 1908 e acabou no Flamengo em 1935. 2) — Friedenreich jogou pelo Germania, **Ipiranga, Paulistano,** São Paulo F.C. e **Flamengo.** Foi scratchman paulista e brasileiro. Campeão do **Estado** de São Paulo e do **Brasil. Participou** de vários sul-americanos, jogos amistosos internacionais e empolgou os europeus em 1925 comandando o ataque do Paulistano.



Filha de um artista de circo, Marilyn Rich, de Pasadena, de 24 anos, só se sente feliz arriscando a vida, da maneira que ilustra estas fotografias, feitas de outro helicóptero por sua genitora. Suspensa por um helicóptero, faz ela emocionantes acrobacias que seus colegas aerealistas só ousam praticar a pouca altura, com rede de segurança, e que nós, mortais comuns, não ousamos experimentar nem em sonho...

do LEITOR

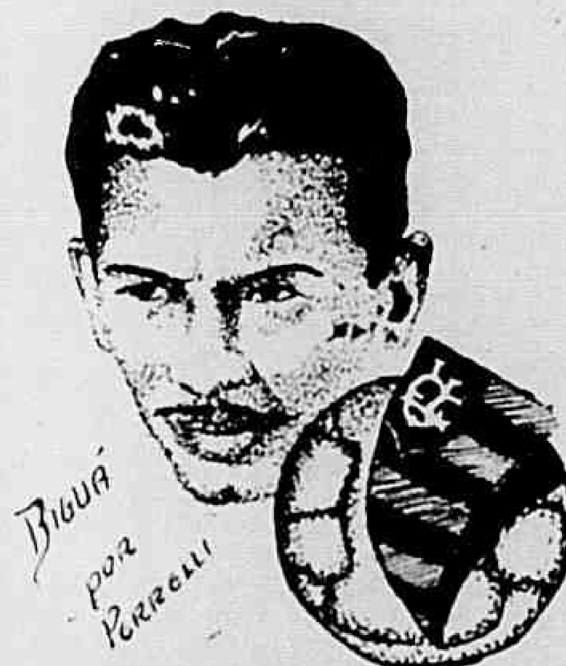
De CARLOS ARÊAS

MILTON FARAH — Miguel Pereira — Estado do Rio — 1) — Não senhor. Hermes, Zizinho e Rafanelli continuam aptos para o futebol. 2) — O time do Flamengo já saiu na capa e terá outras oportunidades de sair novamente. 3) — Em tôda a historia do cotejo Brasil x Uruguai (e olhe que são trinta jogos, de 1916 a 1952) não há um só escore de 2x0 em favor dos uruguaios. Por isso não sabemos qual a formação do time que o senhor deseja. 4) — Embora o Flamengo seja ultimamente o maior ganhador de titulos do basquete, o record de campeonato ainda está com o Fluminense.

MANOEL ESTEVES DAMAS — Niterói — Est. do Rio — **1) — Realmente a A.M.E.A. em 1933 e 1934 e a Federação Metropolitana de Desportos (F.M.D.) em 1935 e 1936 eram as entidades cariocas reconhecidas pela C.B.D. De maneira que os campeões daqueles anos para a C.B.D. foram o Botafogo, em 33, 34 e 35 e o Vasco em 36. 2) — O Botafogo ficou com o cognome de "glorioso", porque em 1910 quando levantou o campeonato da cidade o adjetivo mais usado, mais batido, era o de "glorioso campeão". 3) — Não temos a estatistica completa dos jogos entre Botafogo e América.**

—— : ——

Vincente Gutierrez, do Chile, já uma vez apresentado nestas páginas, é o rei da fantasia do tênis de mesa. Aqui, por exemplo, êle rebate uma bola com uma cadeira. Mas quando quer jogar a sério Vincente faz jús a opiniões como esta do campeão inglês: "E' um dos maiores jogadores de tênis de mesa da atualidade" (Foto Keystone, especial para o Globo Sportivo)



Desenho do leitor Humberto Perrelli, de Maceió, Alagoas.

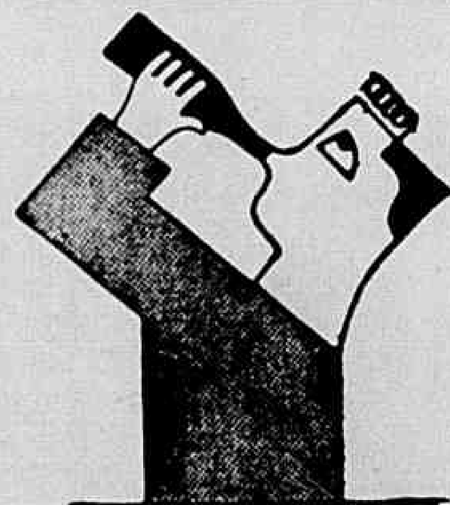
JOSE' MENEZES — Leblon — Rio — 1) — O endereço do Corinthians é Avenida Rangel Pestana, 2.251, São Paulo. 2) — O nome por extenso do ponteiro Mario, do Corinthians, é Mario Lopes de Paula. Ex-defensor do Vasco e carioca de nascimento. Idade: 25 anos e meio.

—— : ——

MANOEL DE ALVARENGA — São Sebastião de Campos — Est. do Rio — **1) — A melhor de três entre o Fluminense e o Bangu era melhor de três jogos e não de três pontos. Por isso se tivesse havido um empate no segundo jôgo, os quadros teriam de disputar a "negra". 2) — Quanto aos números atrasados queira dirigir-se diretamente a gerencia desta revista.**

EUCLIDES TRUZZI — São Paulo — Capital — **1) — O quadro base do Bottafogo no campeonato de 1937 foi êste: Aimoré, Lino e Nariz, Zezé Moreira, Martim e Canalli: Alvaro, Pascoal, Carvalho Leite, Peracio e Patesko. Também jogaram Alberto, goleiro; Otacilio e Isidoro, zagueiros; Afonso e Luciano, médios; Chemp, Lara, Otto Wilman, Atila, e Nelson Valente. 2) — Os escores do alvi-negro nesse certamem de 1937 foram êstes: Turno e Returno: América (4x1 e 0x1); Andarahy (3x1 e 4x0); Bangu (4x0 e 1x2); Bonsucesso (5x1 e 6x0); Flamengo (2x2 e 2x2); Fluminense (0x1 e 1x2); Madureira (2x0 e 2x5); Olaria (4x1 e 6x2); Portuguesa (7x1 e 5x0); São Cristóvão (3x3 e 2x1) e Vasco (2x2 e 2x3). Foi o 4.º colocado no campeonato.**

JOSE' CARLOS LOBO — Santos — São Paulo — **Na fila para publicação oportuna o seu desenho de Oberdan, o veterano arqueiro do Palmeiras.**



GRAPETTE

· produzida com uvas selecionadas do Rio Grande do Sul



TIM, O LERO-LERO

Agora que Tim vem de retornar ao futebol, como assistente técnico de Ondino Viera, vale a pena recordar o modo como ganhou um apelido pouco agradável: lero-lero. Foi o técnico Ademar Pimenta, seu autor, e o apelido surgiu por ocasião da Copa do Mundo, não a do Maracanã, é claro. Ademar não acreditava em Tim, nos seus driblings, achando que Tim nada resolvia, não ia até o fim das jogadas. Veio a preparação da seleção e uma rivalidade com outro meia foi um incentivo a que muitos o chamassem desse modo, o que afinal quase prejudicava a carreira do grande jogador. Mas afinal, no Sul-Americano de 1942, Tim fêz uma verdadeira exibição de técnica e classe, superando no certame de Montevidéu os famosos da época, Moreno e Pedernera. Afinal, o lero-lero de Tim resolvia, e o jogador brilhou nos três anos de campeonato carioca pelo Fluminense, e quando fêz a exigência de cento e vinte contos por três anos de contrato, os que não gostavam de seu lero-lero acabaram vencidos e Tim ficou mesmo nas Laranjeiras. E Tim provou que não era apenas o lero-lero, mas com muito mais propriedade "El Peon". E esse apelido que os platinos deram a êle, significa justamente viga mestra. O ponto de apoio de um edificio. O controlador da bola e armador do time.



JORGE, por Ronald Barros, de Curitiba.

Cabelo masculinamente perfumado



VITALIS, fixador e tônico só para homens dá ao cabelo mais brilho e flexibilidade, perfumando-o discretamente.

VITALIS



7.009-V

é pr'a cabeça!

AGORA RUMO A

Depois de um Campeonato Sul-Americano brilhante, prepara-se a delegação nacional para o mais importante certame mundial — Grandes esperanças em vista dos resultados alcançados por ocasião das provas continentaais.

— De JOSÉ PERELMITER —

EXCELENTES foram os resultados obtidos pela nossa delegação aquática por ocasião do Campeonato Sul-Americano de Natação. A equipe nacional que partira rumo a Lima, apenas com uma simples esperança, voltou ao solo patrio vitoriosa, pois conseguiu levantar o título máximo da natação continental, embora dividindo os louros da vitória com a Argentina, que sòmente na última prova conseguiu igualar a contagem. Contudo a satisfação foi grande, tanto para os nadadores que viram os seus esforços coroados de êxito, como também para os mentores da natação nacional, e para o público brasileiro em geral, que em grande parte é fã deste esporte.

SILVIO KELLY, OKAMOTO, MOBIGLIA E ILO, ESPETÁCULOS À PARTE

FALANDO do Campeonato Sul-Americano de Natação, não poderia passar em branco os feitos de alguns dos nossos nadadores, tal como Silvio Kelly dos Santos, que foi para nós uma grande e agradável surprêsa, e que juntamente com Okamoto formou a "dobradinha" brasileira nos 400 metros, homens nado livre. Nos 1.500 metros, homens nado livre, voltou a "dobradinha" brasileira a se fazer sentir presente, brilhando de tal modo que ofuscou os outros "astros" e que superou qualquer prognóstico técnico. Sem dúvida alguma não poderia ter sido melhor a produção deste duo nacional, que marcou nada mais nada menos de 63 pontos cada, pontos estes que foram a principal causa da vitória brasileira.

Otávio Mobiglia foi outro representante nacional que surpreendeu de modo notável aos adversários, deixando patente que é sério competidor para as próximas Olimpíadas. A sua atuação foi propriamente dita espetacular, pois chegou a superar o recorde olimpico do americano Vardeur, assinalando o tempo de 2'37" e 5, enquanto que a marca de Vardeur para os 200 metros, homens, nado de costa é de 2'39"5. Ilo Monteiro também muito contribuiu para a vitória do nosso pavilhão, vencendo com categoria diversas provas.

HELIO LOBO SATISFEITÍSSIMO

HELIO Lobo teve uma auspiciosa estréia, principalmente em se tratando de um certame continental. Brilhou a equipe aquática nacional, e consequentemente também brilhou o seu técnico. Sempre dedicado a este nobre esporte, Helio Lobo não poderia ter satisfação maior do que uma vitória continental, por ocasião da sua estréia no comando técnico da delegação nacional. Vibrou o povo brasileiro, porém antes, quando os nacionais obtinham uma vitória, Helio Lobo já vibrava de entusiasmo e de alegria. No próprio decorrer das provas, ali não estava Helio Lobo técnico, mas sim Helio Lobo torcedor brasileiro, tudo fazendo por ver o pavilhão nacional na vanguarda do certame. E na titânica luta contra o tempo, Helio Lobo técnico e Helio Lobo torcedor uniam-se vendo sucessivas vitórias, apesar do desfalque que sofreu a equipe nacional com a enfermidade de João Gonçalves.

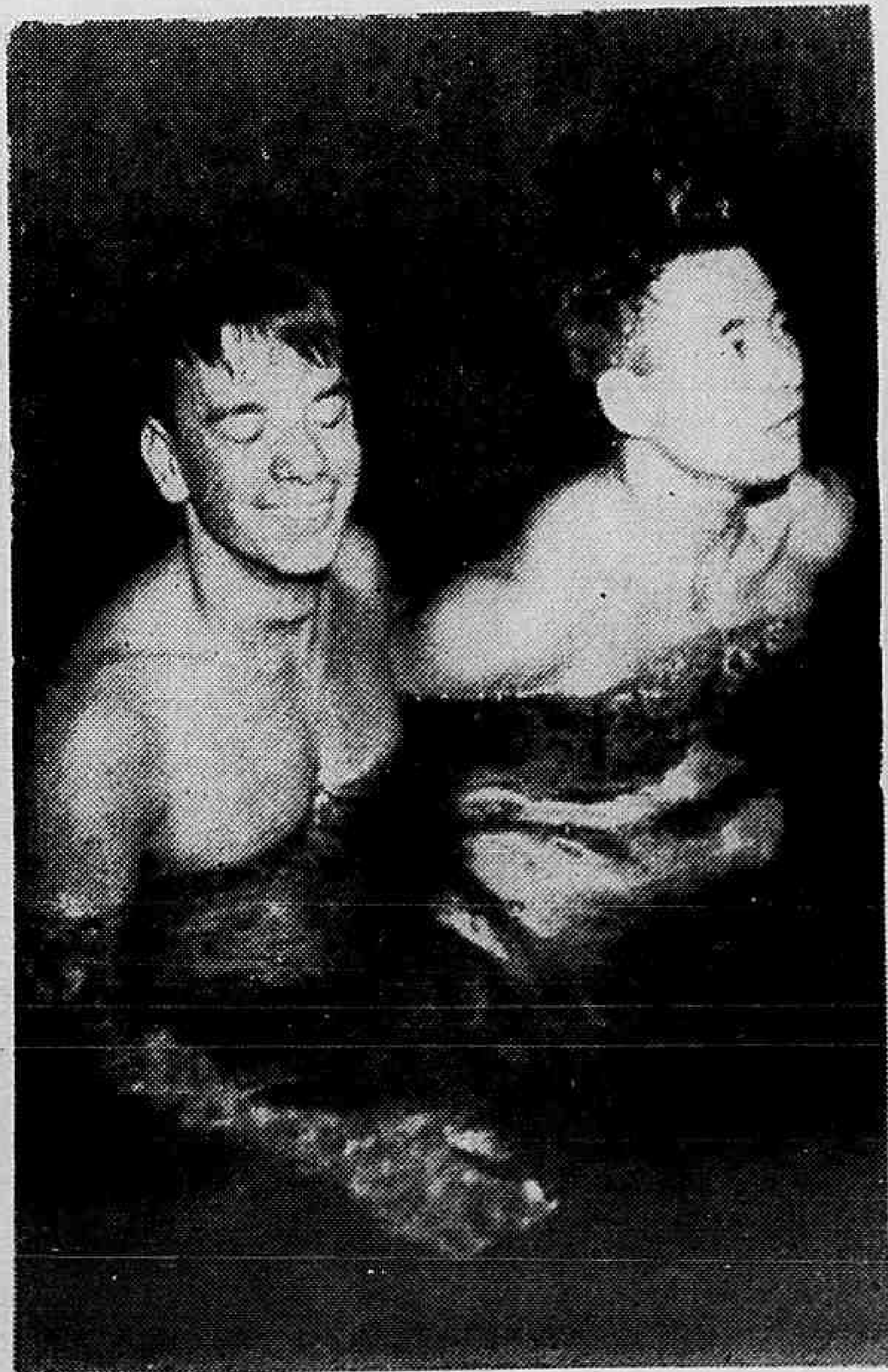
FÊZ FALTA JOÃO GONÇALVES. E LARA?...

APENAS uma colocação, ou melhor, um ponto daria definitivamente a vitória aos brasileiros, sem que os argentinos nos co-liderassem. João Gonçalves, que era uma das nossas grandes esperanças, em vista de uma grave enfermidade, não pôde competir, dando assim chance para que os portenhos lograssem alcançar-nos no final do campeonato. Se João Gonçalves competisse e obtivesse um terceiro lugar na frente de um argentino qualquer, a vitória não estaria dividida.

E Haroldo Lara?... Será que fêz falta? O recordista dos 1.500 Haroldo Lara fêz falta, pois se ainda estivesse sob os cuidados técnicos de Helio Lobo não perderia a forma física e juntamente com Okamoto e Silvio formaria um trio invencível, e deixaria os argentinos longe, sem a chance de esboçar uma reação, como aconteceu nos 4x200, em que Aram Boghossiam fracassou.

VOLTA TRIUNFAL

QUEM visse a recepção que tiveram os nossos representantes, por ocasião da chegada no Aeroporto do Galeão, teria que ficar emocionado. Cenas das mais emotivas foram vividas no desembarque da nossa delegação. Abraços e beijos "choviam". Um batalhão de fotógrafos avançou sôbre a delegação e de segundo em segundo dois, três, quatro "flashes" queimavam suas lâmpadas, dezenas de jornalistas, famílias e inúmeros mentores de outros esportes foram ao aeroporto levar as suas "boas-vindas".

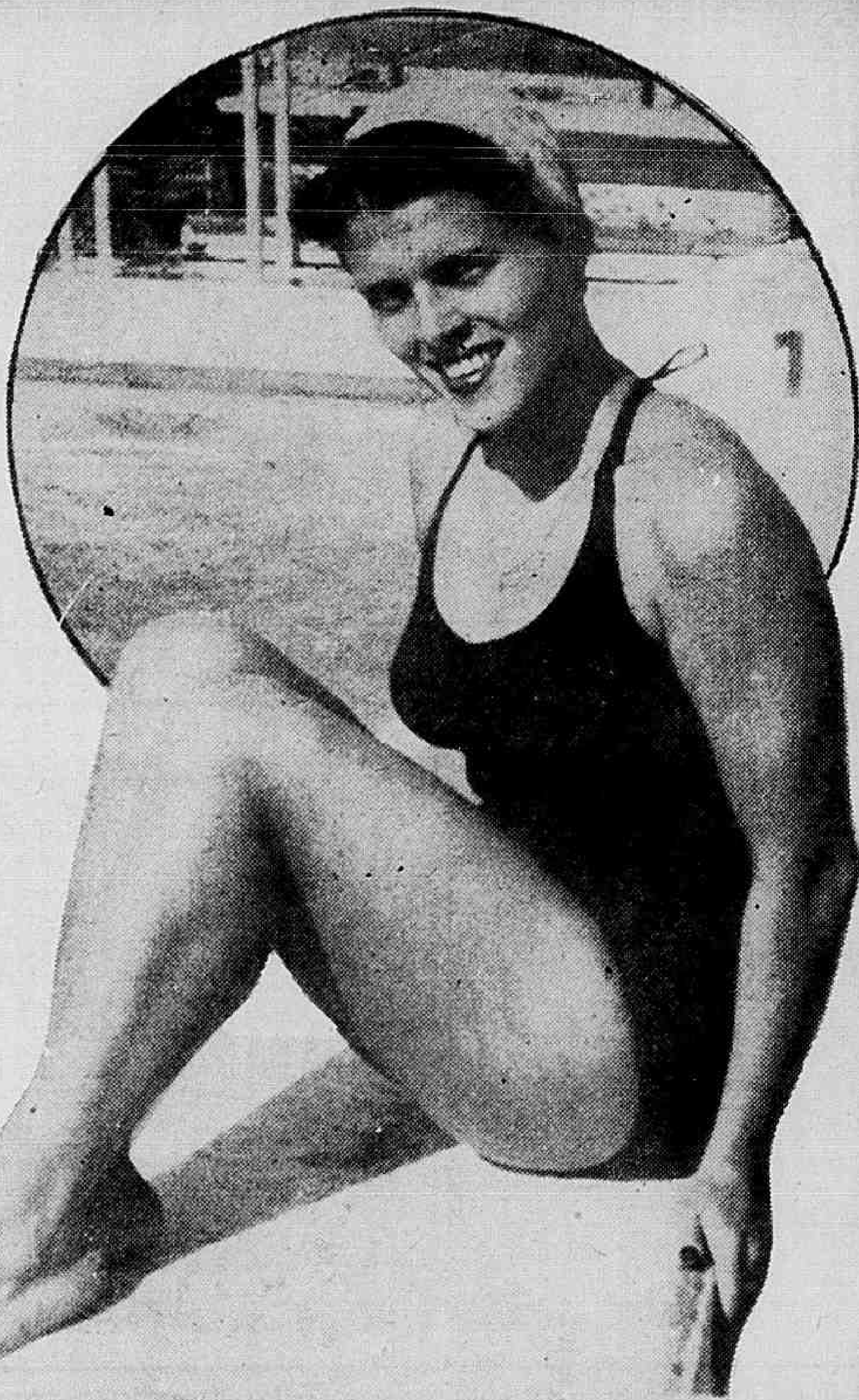




Tetsuo Okamoto, o mais veloz nadador brasileiro, é uma das grandes esperanças nacionais. Silvio — que brilhou em Lima, pretende em Helsinki reeditar suas atuações.

HELSINKI

Trouxeram os nacionais uma grande vitória para o Brasil e a recepção foi digna de campeões. Em última análise foi uma volta triunfal.



VOLTA AOS TREINOS INTENSIVOS

O EXCELENTE estado físico em que se encontram os nossos nadadores não significa que já estejam em condições de não mais precisar treinar. Pelo contrário, há uma necessidade imperiosa de manter o perfeito estado físico e isso sòmente se conseguirá com os treinamentos intensos.



O próximo compromisso da nossa delegação é cem vêzes mais importante do que o Sul-Americano, de vez que se trata de uma competição mundial, e da qual participarão os melhores atletas do universo. Temos que encarar as Olimpíadas de Helsinki com o máximo rigor. Deve constar na ordem do dia dos diversos técnicos de natação dos vários clubes quer no Rio como em qualquer parte do Brasil, o treinamento intensivo, e ainda a melhora física e técnica dos nadadores.

OPINA HELIO LOBO

O TÉCNICO do Fluminense e da nossa equipe aquática por ocasião do Sul-Americano acha que os nadadores poderão fazer bonito nas Olimpíadas, porém, se a produção fôr melhor do que no certame Sul-Americano, uma vez que nem todos os nadadores nacionais que participaram da competição continental alcançaram os índices olímpicos exigidos. Alguns já se encontram em condições, porém outros ainda carecem de treinamento a fim de alcançarem as marcas que permitem incluí-los na delegação nacional que irá a Helsinki.

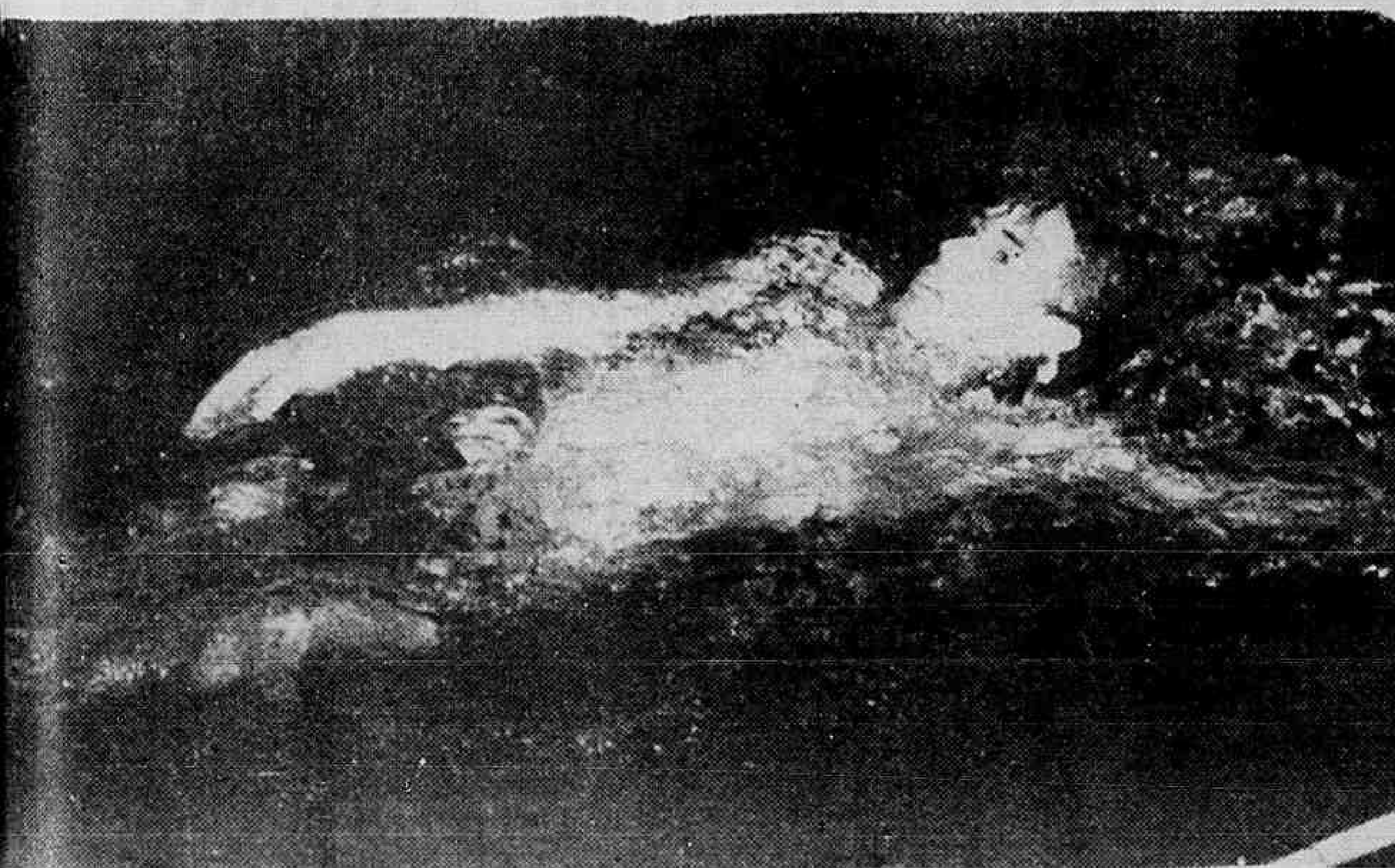
GRANDES MELHORAS NO SETOR FEMININO

EMBORA a equipe nacional feminina de natação não tenha conseguido levantar o título máximo, as moças brasileiras fizeram um bonito papel, colocando-se em segundo lugar com a contagem de 100 pontos. As portenhas venceram por 36 pontos, isto é, totalizaram 136. Edith Groba foi uma das mais significativas estrêlas da nossa seleção. Ganhou algumas provas e consequentemente deu preciosos pontos ao pavilhão nacional. Para as Olimpíadas há muitas esperanças, de vez que vários são os nomes que estão incluídos, sendo que algumas das nadadoras já alcançaram o índice olímpico exigido.

Segundo previsões do técnico Helio Lobo, com o treinamento intensivo a equipe feminina deverá melhorar bastante, pois atualmente ostenta boa forma física.

Agora o objetivo é Helsinki e tudo farão os mentores e os atletas da aquática nacional para levantar bem alto o pavilhão auri-verde.

Talita Rodrigues — nadadora tricolor, está em excelente estado físico, sendo considerada um ponto alto na equipe feminina.

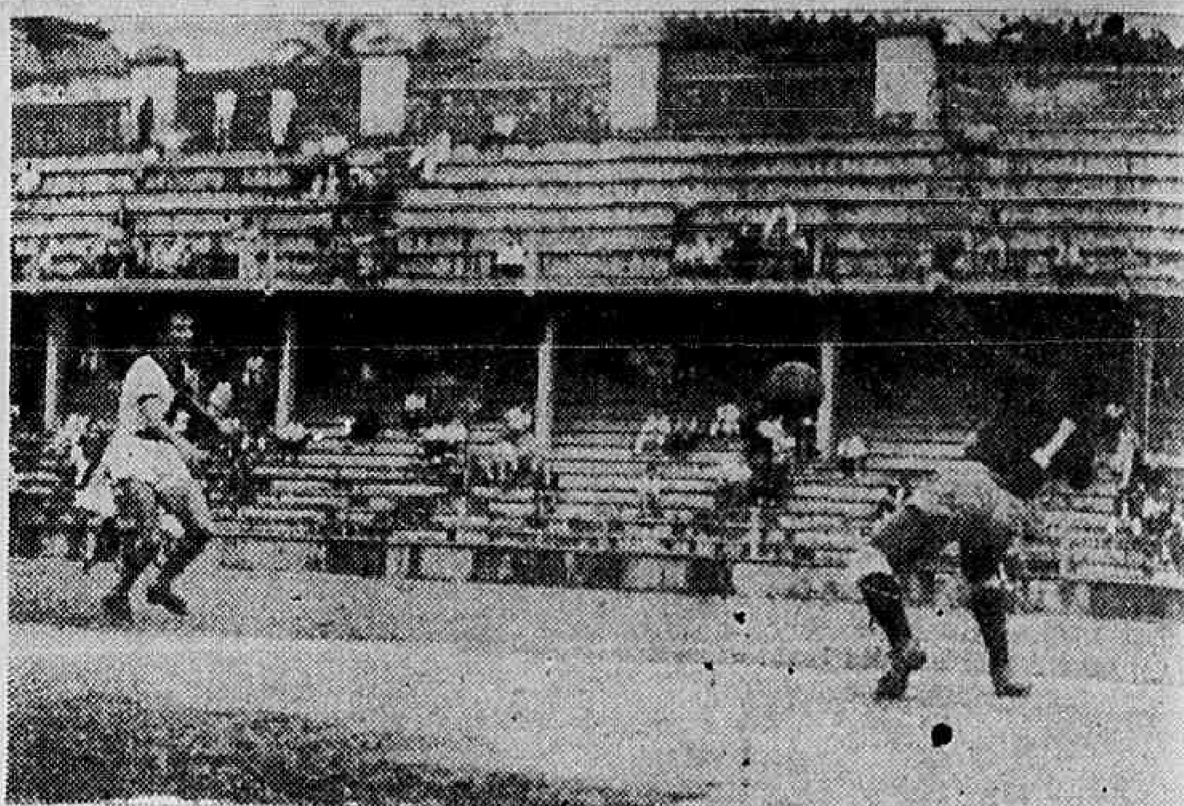




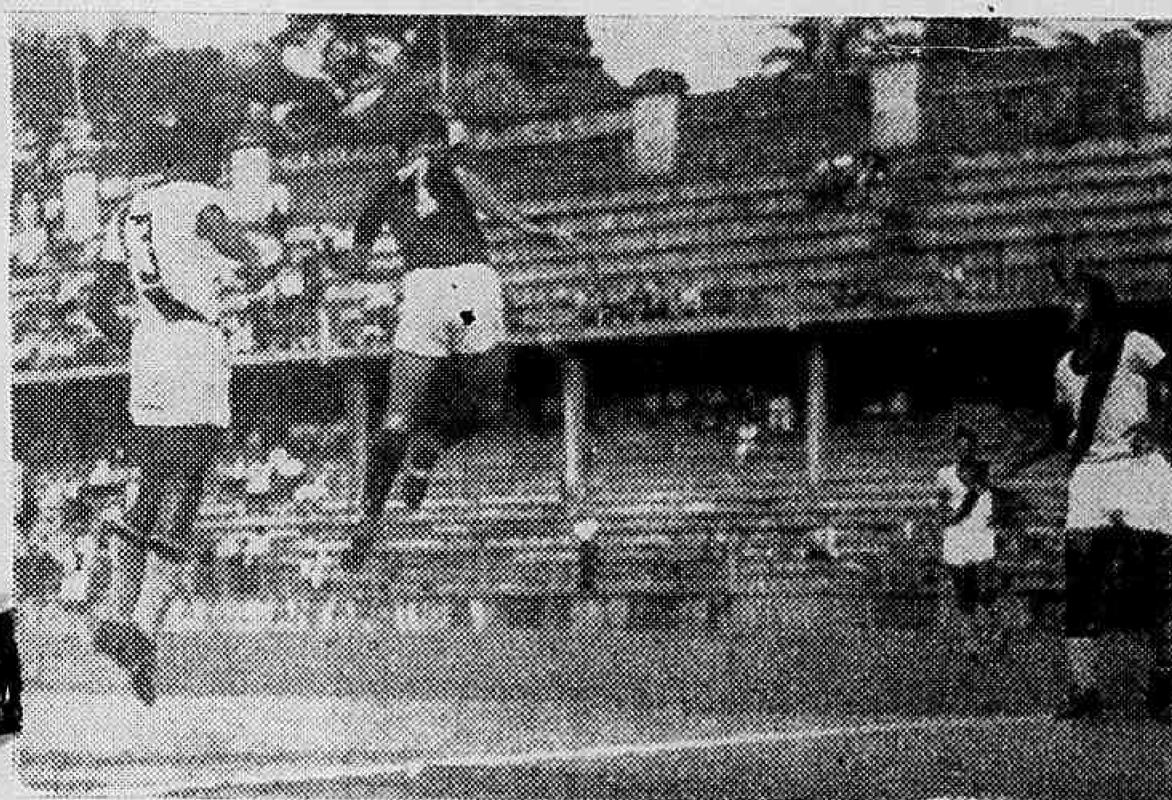
Ilo Monteiro — considerado atualmente o melhor nadador continental, no estilo de costas, também está incluído entre os melhores do mundo. Edith Groba — recordista sul-americana, volta agora aos seus melhores tempos, podendo mesmo figurar entre os primeiros colocados no certame olímpico mundial.



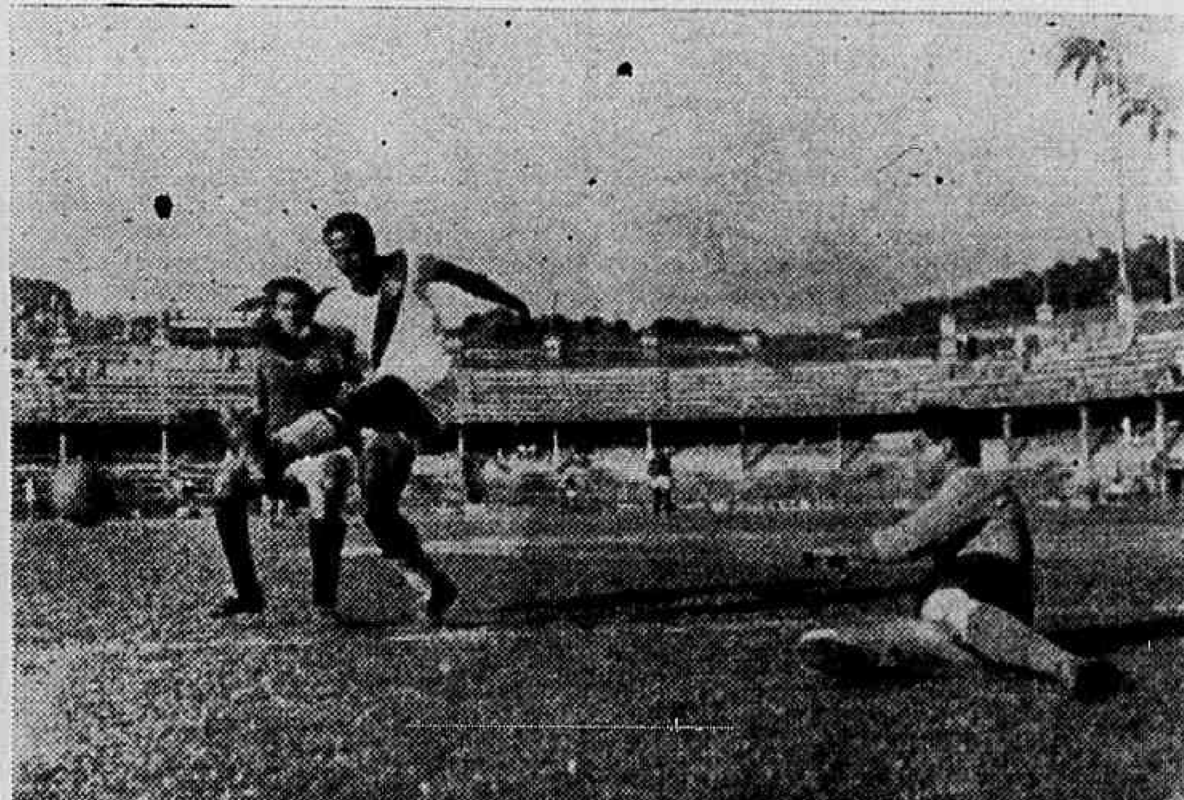
Uma investida vigorosa de Edmur; falhou na bola, acertou o adversário...



Edmur chutou para o rubro-anil Ary fazer a defesa



Jorge em ação, e Wilson atento aos efeitos da cabeçada do companheiro.



Carlos Alberto já estava caido, mas Wilson apareceu para salvar a situação.

ABERTURA MELANCÓLICA DE UM TORNEIO

O ENCONTRO entre Vasco e Bonsucesso, pelo Torneio Extra, menos por atrativos, despertou a curiosidade de alguns torcedores, pois que, sabendo-se que o Vasco iria jogar desfalcado, enquanto o Bonsucesso integrado por todos os seus valores novos, a expectativa era a de um jôgo movimentado. Foi o que realmente aconteceu, porque na peleja principal da rodada inaugural desse certame organizado pela entidade carioca o Bonsucesso resolveu fazer frente ao Vasco, não respeitando os nomes mais famosos que estavam do lado cruzmaltino, como Wilson, Jorge, Maneca, Jansen e Dejair. O quadro leopoldinense lutou com muita bravura e em muitos momentos chegou a mandar no jôgo territorialmente, enquanto o marcador ascendia a um a zero. Esse foi o panorama do primeiro tempo, algo desconcertante para o Vasco que, embora não contando com todos os seus elementos de primeira plana, não deveria, ao menos em terreno neutro, ser quase subjugado pelo Bonsucesso.

As providências foram tomadas no meio tempo, e a entrada de Lola em campo possibilitou uma melhor armação para a retaguarda cruzmaltina e, consequentemente, a estruturação de todo o quadro. Também a coincidência da saida de Saladuro da ofensiva rubro-anil determinou a quebra do ritmo ofensivo leopoldinense, e daí a reviravolta no jôgo. Os cruzmaltinos conseguiram então jogar melhor, dominar aos poucos o adversário, primeiro empatando e depois passando à frente no marcador. Mas o Vasco não estava destinado a ser o vencedor da partida, e quando o jôgo transcorria em seu último minuto um gol rubro-anil definiu o "placard", que acabou sendo o empate. Naturalmente que, dadas as caracteristicas da luta, não se pode deixar de encarar esse resultado como a justa expressão das ações, pois que a reação cruzmaltina foi de muita importância para a partida, mas não se pode esquecer que, praticamente, o primeiro tempo pertenceu ao Bonsucesso.

EMPATOU O BONSUCESSO QUANDO O VASCO IA COMEMORAR A VITÓRIA

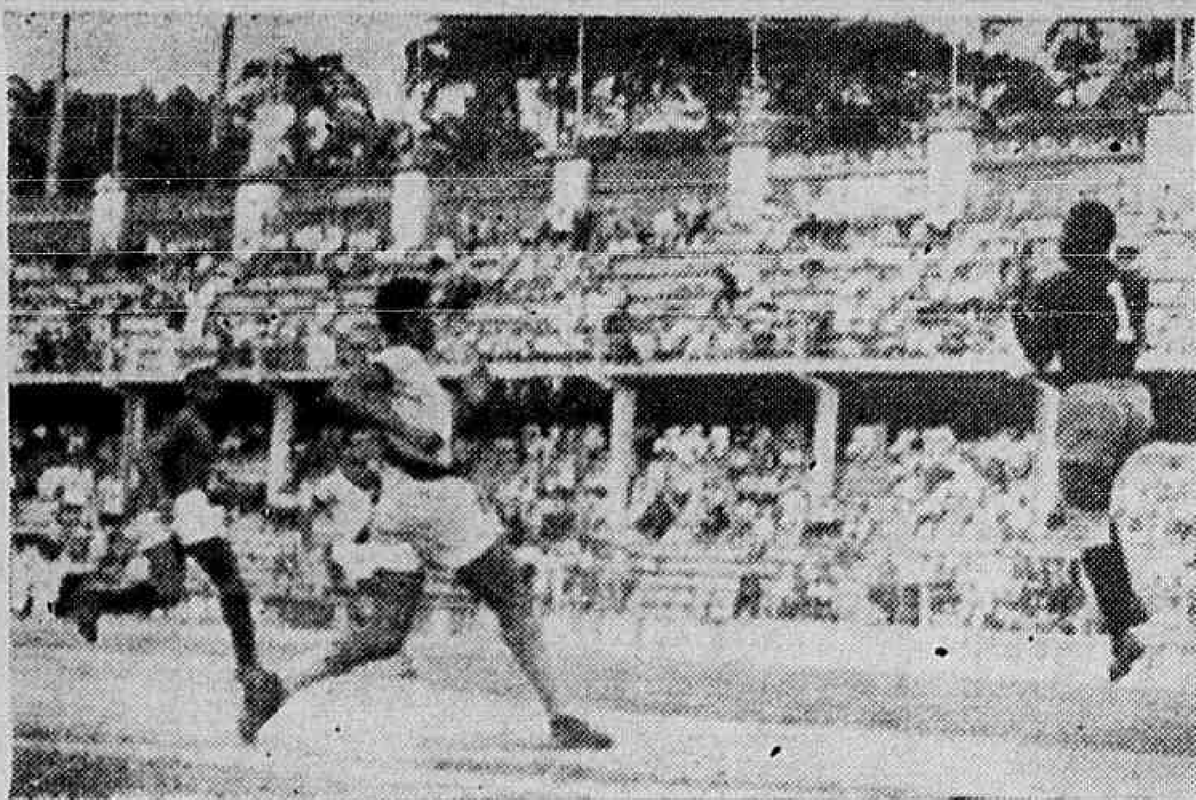
Conforme já assinalamos, coube ao Bonsucesso conquistar o único gol da etapa inicial, o que foi registrado aos 11 minutos, quando Saladuro desviou para as redes um passe largo de Gringo. O empate veio sòmente aos 27 minutos da etapa derradeira, quando Edmur, após uma jogada em que empenhou muito esforço, entregou a bola a Jansen, que desfrutava de excelente situação, e marcou. No segundo gol, oito minutos depois, o mesmo Edmur, em outra jogada excepcional, passou por dois adversários e, desta feita, êle mesmo mandou a bola às redes. No último minuto, o gol estava marcado, porque Carlos Alberto fêz uma defesa sensacional, mandando a corner, e o Bonsucesso, mantendo-se no ataque cerrado, acabou empatando, quando Naninho, recebendo de Gringo, fulminou o arco cruzmaltino.

Os cruzmaltinos tiveram em Carlos Alberto, Lola e Edmur, seus melhores homens, enquanto os rubro-anis, todos lutando com muito ânimo. Saladuro era o melhor do ataque, até que foi forçado a sair, e Naninho e Gringo foram outros elementos de valor.

PRELIMINAR A CARATER

A PARTIDA entre cruzmaltinos e rubro-anis ainda teve algum colorido, por contar com vários elementos de valor. Mas na preliminar, que afinal era um encontro reunindo o América e Madureira, as características foram mesmo de autêntica preliminar. É que os dois quadros estão atualmente em excursão, e foram representados no certame extra por seus quadros de reservas e aspirantes. Portanto, uma partida sem quaisquer atrativos, e que apenas





Novamente Edmur, que, mesmo em posição difícil, fuzilou, obrigando a uma defesa firme.

Jansen chutou e Vavá fechou sôbre o arco sem maiores consequências.





Maneca era um dos nomes que poderiam salvar o espetáculo, mas ainda está em fase de recuperação de forma, após o longo período de inatividade. Ao fundo um significativo aspecto da assistência.

Uma fase da preliminar autêntica, entre América e Madureira. O novo rubro Zildo aparece às voltas com a defesa suburbana.

podia valer pelo esforço dos jogadores em luta. Em meio à ação, os rubros aproveitaram-se da maior chance para ir decidindo a luta, para um final vitorioso, em que o marcador assinalava um três a um, que afinal foi convincente. No primeiro tempo essa superioridade já estava assinalada por dois a um, e no tempo final os rubros nada mais fizeram do que confirmá-la. As atrações que o América havia anunciado foram confirmadas, traduzindo-se nas estréias de dois novos rubros, um o ex-tricolor Zildo, e o outro o ex-sancristovense Carlyle.

Os rubros tiveram a iniciativa desde o principio do jôgo, e logo aos sete minutos abriram a contagem com um gol de Zildo. O Madureira teve a seu favor uma penalidade fora da área, e Josias, encarregado de cobrá-la, acertou em cheio nas redes. Faltando um minuto para terminar a 1.ª fase Walter assinalou nova vantagem para os rubros. No segundo tempo, foi o próprio Walter quem definiu o marcador, fazendo o terceiro tento, que selou a sorte da partida. Foi aos trinta e seis minutos e daí em diante os rubros não tiveram outro trabalho senão conservar a vantagem conquistada.

Esses foram os resultados da primeira rodada do torneio que os dirigentes cariocas resolveram organizar para encher o tempo, na dúvida em iniciar o campeonato carioca antes da Copa Rio. A iniciativa foi considerada de pouco alcance, em face das temporadas que estão em curso, e das que estão assentadas, não sendo portanto de estranhar o pouco interesse que o torcedor demonstrou, sabendo de antemão que iria pagar para assistir a jogos entre reservas, na maioria dos casos. A arrecadação dos jogos que tiveram lugar no estádio do Fluminense ultrapassou em pouco a casa irrisória dos dez mil cruzeiros. Foi, portanto, uma estréia melancólica do certame extra, idealizado pelos responsáveis pela entidade carioca.



O 12.º GRANDE PRÊMIO DE SÃO PAULO — Fazendo assinalar novo recorde para os três quilômetros, Gualicho conquistou a mais fácil vitória já registrada na grande prova do turfe bandeirante. Curioso é anotar que o formidável potro vendeu apenas metade do número de poules jogadas em Yatasto, o favorito. Na gravura o vencedor ao voltar à pesagem depois da notável vitória

Dr Milton de Almeida

OUVIDOS · NARIZ · GARGANTA

DIAGNÓSTICOS · TRATAMENTOS · OPERAÇÕES

3as 5as SABADOS - 15 as 19 HORAS
LARGO CARIOCA, 5 - 1º and. SALA 101
TEL. 22-0707 e 46-2317

O GLOBO SPORTIVO

Revista semanal — Redação, Administração e Oficinas: Rua Itapiru, 1209 — Rio de Janeiro — Brasil — Caixa Postal 4602 — End. Tel.: "Globo-juvenil" — Tel. 48-6287 — Direção de ROBERTO MARINHO e MARIO RODRIGUES FILHO — Gerente: RUBENS DE OLIVEIRA — Secretário: ARTHUR THOMAZI — Serviço fotográfico de INDAIASSU LEITE — e colaboração dos ilustradores OTELO e GUTEMBERG — Número avulso: Cr$ 3,00 — Assinaturas — para todo o país — porte registrado: anual Cr$ 170,00. Sucursal de S. Paulo: Rua Xavier de Toledo, 84, 4.º and. Distribuidores em S. Paulo: Agência Siciliano: Rua Dom José de Barros, 323. Representantes em Portugal e Colônias: Livraria Latina Editôra, Pôrto.

A coisa "está preta"



Ao tentar paraquedismo,
Zé Barbado se estrepou.
Esquecendo o paraqueda,
No solo se esborrachou.

Entretanto, Barba-Feita,
Gillette apenas usando,
Deslisa no mar de rosas,
Ent: e sonhos suspirando.



mas...

TUDO AZUL!



para os que usam

Gillette AZUL

IA-022



CATCH-AS-CATCH-CAN ? Não é sem razão a expressão de agonia que se estampou no rosto da lutadora June Byers. A joelhada no busto é real. A despeito de lances simulados, o catch-as-catch-can é um esporte violento. No ano passado morreu uma lutadora, e não são raros os casos de cegueira produzidos por tracoma

O MAIS VIOLENTO — DOS SPORTS —

QUAL é o mais violento e perigoso dos esportes?

É uma questão que cedo ou tarde surge à baila sempre que conversam adeptos dos esportes. E as respostas são sempre variadas e não conduzem, via de regra, a nenhuma conclusão.

Um cronista esportivo de Nova York, Paul Gardner, no propósito de levar opiniões abalizadas aos seus leitores, apresentou a pergunta a um grupo de expoentes das várias modalidades de esportes, incluindo, entre outros, Eddie Arcaro, o joquei "número um" dos Estados Unidos; o tenista Francis X. Shields, ex-captain do time norte-americano que disputou a Taça Davis; Joe Louis, ex-campeão mundial de todos os pesos; Daniel J. Ferris, da diretoria da Associacão Atlética de Amadores e autoridade em atletismo; Joe Lapchick, treinador do "five" de basquetebol do New York Knickerbocker; Strangler Lewis, campeão mundial de luta-livre na época em que se lutava deveras, e a alguns astros do basebol, rugby e natação.

"Era uma pergunta dificil a que eu fazia" — escreveu Paul Gardner. Porque, disseram-lhe os técnicos interrogados, as diferentes categorias do esporte envolvem não apenas diferentes graus das mais diferentes classes de violência. Um homem pode sofrer um disturbio no coração numa terrivel arrancada numa prova olímpica de 400 metros, ou manejar um remo até cair inerte, ou esgotar-se totalmente numa partida de basquetebol.

Há, também, os rudes esportes de contacto de corpo, como box e rugby.

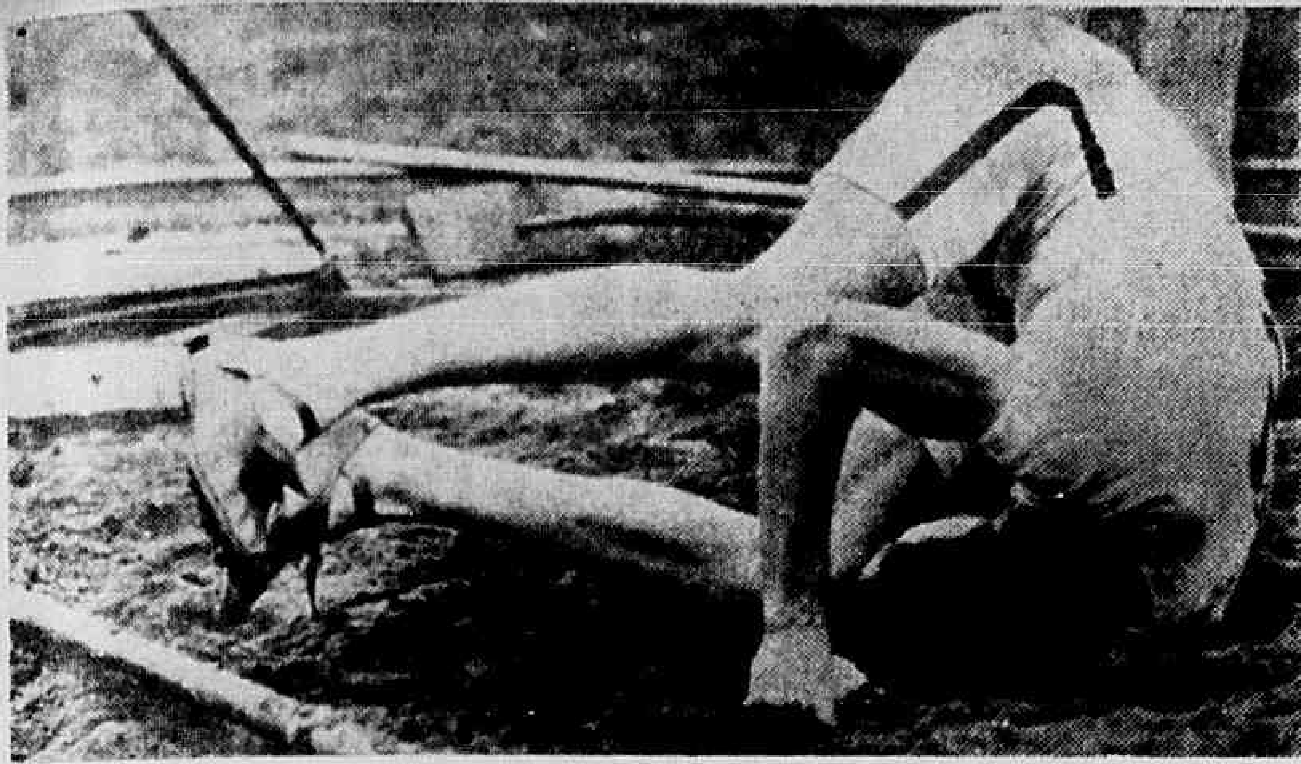
Mas, quase como um só homem, os interrogados responderam que o mais violento dos esportes é a corrida a cavalo ou seja, o turfe. Os pequenos joqueis são os que mais se arriscam.

Os boxeurs lutam periodicamente. O rugby é jogado apenas no outono e no inverno. Os joqueis de nomeada, entretanto, correm mais de quatro ou cinco corridas num dia por mais de 300 dias num ano.

Em 1951 morreram nove joqueis nas pistas e hospitais. Não é de admirar.

Sabe-se que são habituais os recursos ilicitos e violentos na luta pela vitória. Entram em jôgo esporas, pontapés e "trancadas" para impedir a passagem de um cavalo adversário. Assim, correm aos choques e colisões.

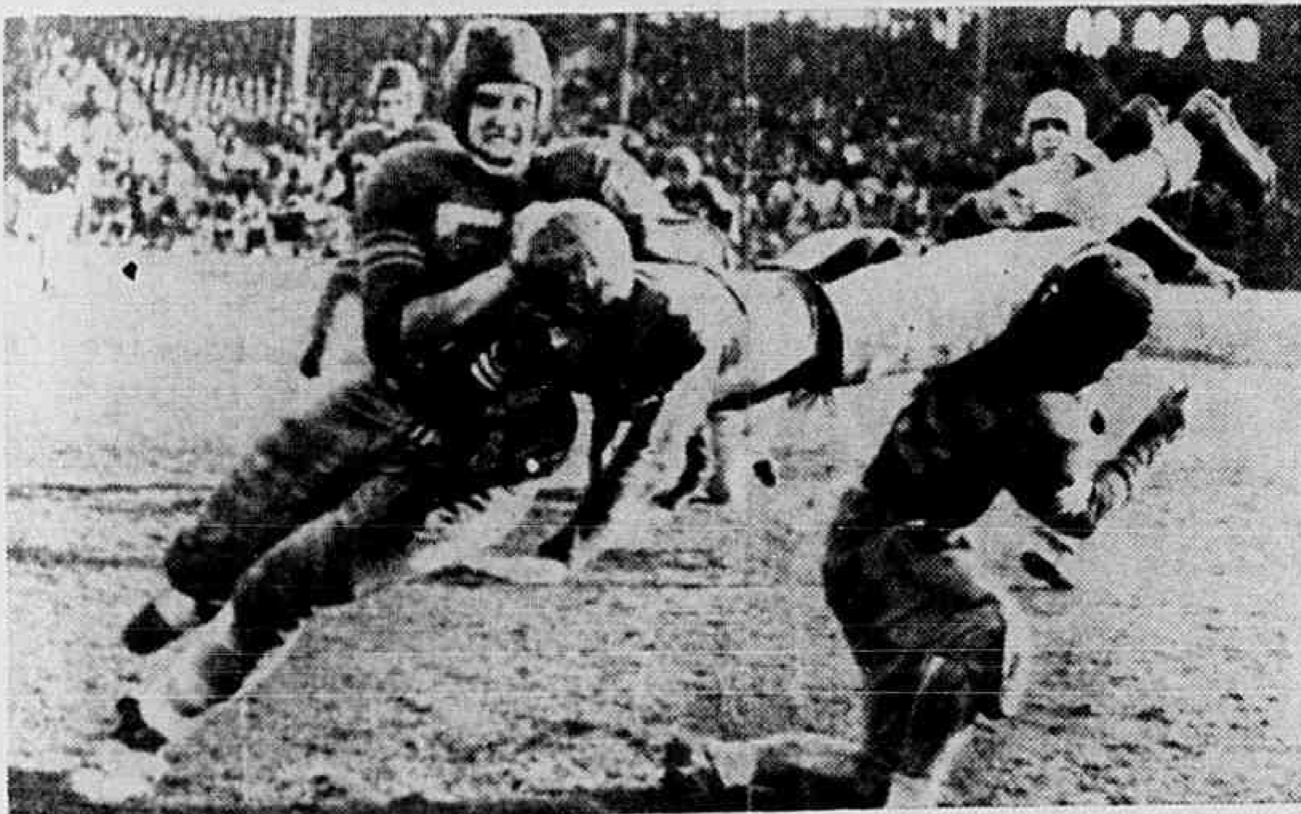
Morreram mais boxeurs que joqueis em 1951, mas há cerca de 5.000 boxeurs e talvez apenas mil joqueis. Quase todos os joqueis já foram vitimas de ferimentos e contusões graves, e muito mais de uma vez.



ATLETISMO? Um saltador com vara mergulha de cabeça na areia, quando a vara se quebra. Mas não é nenhum dêsses esportes — é a corrida de cavalos — que os entendidos consideram o mais violento e perigoso



BOX? O rosto empapado de sangue e deformado de Jake La Mota é uma prova da violência do box. Doze pugilistas morreram em 1951, três dos quais eram profissionais



RUGBY? Gene Thalheimer, "quarterback" de um time de Nova York, é aqui visto num mergulho em busca da bola. Lances como esses fazem do rugby um esporte violento, mas os entendidos não o consideram como o mais perigoso

FIBRA de ATLETA

GLENN CUNNINGHAM, de Kansas, ex-recordista mundial dos 1.500 metros, teve as pernas gravemente queimadas quando era criança. Os músculos e tendões ficaram afetados e ficou mais cômodo para Glenn manter-se sôbre os calcanhares, ou correr, do que caminhar como todos. Por paradoxal que pareça, este modo constante de andar fêz com que êle se adaptasse com mais facilidade à corrida pedestre, quando seu corpo adquiriu a necessária fortaleza.



O pequeno Joie Ray, do Clube Atlético de Illinois, pensava em praticar o box quando era muito jovem, mas o medico da família informou a seus pais que não só não podia boxear como lhe estava proibido qualquer sport fatigante, pela debilidade de seu coração. Joie pensava de outro modo, dedicou-se ao atletismo, ganhou muitos campeonatos norte-americanos, quebrou recordes e participou da maratona olímpica de Amsterdam, em 1928.

Toivo Loukola, da Finlandia, um jovem enfermiço, foi declarado inapto para o serviço militar em seu país natal devido à fraqueza pulmonar e à presunção de uma tuberculose. Praticou atletismo para melhorar a sua saúde e suas forças. Sua vitória inicial de importância ocorreu num campeonato de guardas civis, de 3.000metros, e à idade de 26 anos foi campeão olímpico na mesma distância, uma performance excepcional, pondo para segundo plano o colossal Paavo Nurmi.

Joe Scott, de Cleveland, que media mais de 1,90 de altura, ganhou o decatlon norte-americano em 1938 e 1939. Trata-se de uma prova sumamente severa, que combina corridas, saltos e levantamento de pesos. E até a idade de seis anos Joe foi vítima da paralisia infantil e não podia caminhar.

O húngaro Karoly Takaes ganhou o campeonato mundial de pistola em 1939 empregando a mão esquerda. Perdera a mão direita durante a guerra, mas, sem se preocupar, praticou assiduamente para atirar com a esquerda. Em 1939 se firmara em Lucerna como um grande atirador, mas nos Jogos Olímpicos de Wembley, nove anos depois, sua esquerda mostrou-se mais precisa do que havia sido a sua direita, porque não só conquistou o título olímpico como também estabeleceu um novo recorde mundial.

Tampouco é necessário que o começo da carreira atlética se faça forçosamente na adolescência. Mr. Mac Grath não ganhou seu primeiro campeonato norte-americano de levantamento de peso quando já tinha mais de 30, mas conquistou o último aos 57. Denis Carey obteve os laureis do campeonato em 1892, e recebeu seu primeiro plano pelo lançamento do martelo trinta anos depois.

Patrick J. Bermingham começou aos 25 anos, perdeu alguns dos que deveriam ser os melhores anos de sua carreira por falta de realização de provas, junto à primeira guerra mundial, foi campeão aos 33, e alcançou seu melhor recorde com o disco quando contava 42 anos. Continuou competindo durante onze anos mais, lançou o disco a 140 pés aos 53 anos, e logo se retirou das atividades esportivas porque achou que "o público se havia cansado de vê-lo".

Ossian Skold, da Suecia, que superou o Dr. O'Callagham até a última volta do lançamento do martelo nas Olimpíadas de Amsterdam, tinha o dobro da idade de O'Callagham, com 46 anos.

Jess Willard, vencedor de Jack Johnson, jamais calçou luvas até os 28 anos de idade. Tinha 37 quando perdeu para Jack Dempsey.

A REVISTA SESINHO

NA OPINIÃO DE MESTRES E EDUCADORES

"Tendo dispensado atenta leitura a alguns exemplares de "Sesinho", posso externar com segurança o meu juizo de educador. Trata-se de revista cuja circulação entre educandos as casas de ensino podem autorizar e mesmo recomendar, por isso que é um excelente auxiliar do ensino, mercê da orientação pedagógica e inteligente com que é redigida. Digna de aplausos e de louvor a intenção e a habilidade com que se alcança em cheio o seu duplo objetivo: educar, divertindo".

a.) BRENO VIANA, diretor do Ginásio "Nogueira da Gama". Guaratinguetá — Est. de São Paulo — 5-6-50.

• • •

"Logo ao percorrer as interessantes páginas de "Sesinho" fiquei admirado pela boa apresentação da revista. Não há dúvida que todos os meninos que lêem a revista ficam encantados".

a.) IRMÃO ROSARIO, c.c. Juvenato "Sagrado Coração" — Campanha — Sul de Minas — 29-1-50.

• • •

"Agradeço o interessantíssimo exemplar de "Sesinho" e, exprimindo meus entusiásticos aplausos pela iniciativa, peço o favor de remeter outros exemplares para propaganda entre os alunos deste educandário".

a.) PADRE NORBERTO DIDONI — Colégio "São José". — Pouso Alegre — Minas — 1-3-50.

• • •

"Examinando a revista "Sesinho" achei-a útil e interessante. Rogo-lhe, pois, a fineza de remeter-me, se possivel, os números já publicados, de incluir o nome do nosso Colégio na lista de seus assinantes".

a.) IRMÃ NAZARETH DA TRANSFIGURAÇÃO — Conceição do Mato Dentro — Minas — 5-2-50.

• • •

"Chegou-nos às mãos um dos números da revista "Sesinho". Tendo-a apreciado grandemente, solicito o obséquio de enviar-me alguns exemplares, a fim de distribuí-los entre os alunos dêste ginásio".

a.) JOÃO CAMARGO MONTEIRO — Diretor do Ginásio e Escola Técnica de Comércio "Barão de Antonina" — Mafra — Est. de Sta. Catarina — 27-1-50.

"Tendo lido com grande apreciação dois números da nova e interessante revista "Sesinho", venho pedir a V.S. a fineza de enviar-me outros números de propaganda. As crianças do curso primário irão gostar muitíssimo e certamente concorrerão para uma assinatura anual".

a.) IRMÃ HELENA (Filha da Caridade) — Diretora do Colégio "N. S. da Conceição" — Serro — Minas — 7-3-50

• • •

"Agradàvelmente surpreendido pela oferta amável de tão bela quanto útil revista infantil como o é o "Sesinho", venho, por meio desta, solicitar-vos material de propaganda a ser feita aqui neste ginásio. Creio terá esta vossa revista farta aceitação, embora já circulem algumas do mesmo gênero. Em o "Sesinho", porém, há uma particularidade que não possuem as outras congêneres: talvez por isto tenha ela mais aceitação: é o colorido das figuras. Para a criança não há como a côr".

a.) IRMÃO ROMANO — Ginásio "Santo Antonio" — Garibaldi — Rio Grande do Sul — 8-2-50.

• • •

"Estou certa de que as crianças muito apreciarão esta revista que visa educá-las, moral e intelectualmente".

a.) IRMÃ AFONSINA DE OLIVEIRA — Diretora das Classes, Anexas à Escola Normal "N.S. de Nazaré" — Conselheiro Lafaiete — Minas — 8-2-50.

• • •

"Agradecendo a honrosa oferta dessa interessante revista, pedimos a V.S. que nos remeta mais alguns exemplares, a fim de promovermos a sua difusão entre os estudantes dêste estabelecimento".

a.) PEDRO FELICIO — Diretor da Escola Técnica de Comércio do Crato — Estado do Ceará — 1-2-50.

• • •

"A revista "Sesinho" foi aceita com júbilo por parte de nossos alunos".

a.) IVONE FRANCOZO — Diretora do Curso Primário do Colégio Estadual e Escola Normal "Dr. Francisco Thomaz de Carvalho" — Casa Branca — Est. de São Paulo — 10-3-50.

S E S I N H O

REVISTA DA CRIANÇA INTELIGENTE

APARECE NOS DIAS 15 DE CADA MÊS

DOIS CRUZEIROS

O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL

OTAVIO

QUANDO SE PERGUNTA COMO O **OTÁVIO** CONSEGUE ARQUITETAR JOGADAS TÃO BÔAS ÊLE RESPONDE SORRINDO :





DEPOIS DE CADA JOGO **OTÁVIO**, GOSTAVA DE CONTAR AS PERIPÉCIAS DA PARTIDA AOS SEUS AMIGOS



OTÁVIO GOSTOU DA SUGESTÃO : ABANDONARIA O FOOT-BALL E IRIA SER CRONISTA ESPORTIVO



RAPAZ CULTÍSSIMO **OTÁVIO** BRILHOU COMO COMENTARISTA COLABORANDO NOS MAIORES JORNAIS E RÁDIOS DA NOSSA CAPITAL.



MAS **OTÁVIO** NÃO RESISTIU POR MUITO TEMPO AS SAUDADES DAS EMOÇÕES DAS PARTIDAS. VOLTOU PARA O GRAMADO PARA FAZER NOVOS GOALS !



